

LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO

RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE
SANTOS-SP

CAROLINE BRASSI SCAPOL



Banua 02/12/19

LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO
RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP

Caroline Brassi Scapol

TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II

Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo - IAU.USP

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE (CAP)

Prof. Dra. Aline Coelho Sanches Corato

Prof. Dra. Akemi Ino

[orientação] Prof. Dr. David Moreno Sperling

Prof. Dr. Joubert José Lancha

DEDALUS – Acervo – IAU



93000006379

COORDENADOR DO GRUPO TEMÁTICO (GT)

Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira



São Carlos, novembro de 2019

Class. Caroline Brassi

Scapol, 2019

Cutter. _____

Tombo TG 00951

Sysno 7056929

AUTORIZO A REPRODUCAO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRONICO, PARA FINS
DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SSCA28 Scapol, Caroline Brassi
41 Linha d'água e apropriação: Resgate da vivacidade
no centro histórico de Santos-SP / Caroline Brassi
Scapol. -- São Carlos, 2019.
103 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Espaço Público. 2. Parque Urbano. 3. Políticas
Públicas. 4. Águas Urbanas. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:

Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229

LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO
RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP

*Trabalho de Graduação Integrado apresentado ao Instituto de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade de São Paulo, USP - Campus São Carlos*

Caroline Brassi Scapol

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. David Moreno Sperling

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, USP

Prof.ª Dr.ª Maria Camila L. D' Ottaviano

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP

Prof. Dr. Tomás Antonio Moreira

Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, USP

Aprovada em:

RESUMO

O presente trabalho se insere no contexto do município litorâneo de Santos, percorrendo temáticas relacionadas às dinâmicas dos centros históricos esvaziados e de patrimônio histórico-cultural degradado das cidades contemporâneas, à utilização do espaço público considerando a inclusão social e o caráter paisagístico urbano, bem como ao questionamento da função das águas urbanas em relação à infraestrutura verde e bem estar social. Nessa conjuntura, para a execução de citados ideais este projeto se valeu da reaproveitamento de edificações subutilizadas e estruturas já existentes na orla paralela às águas fluviais com as devidas adaptações e aprimoramentos a fim de resgatar valores culturais, ambientais, sociais e de cunho educacional, com a inclusão prioritária do contato com a água. O parque cultural ora proposto, nesse sentido, é o modo pelo qual se buscou materializar o contexto acima exposto. Nele foram integrados diversos programas que propiciaram de forma conjunta o estabelecimento físico na cidade de um local apto a atender demandas de praça de esportes, praça cívica conectada com a orla e edificações com salas de troca de aprendizagem.

Palavras Chaves: Espaço Público, Parque Urbano, Políticas Públicas, Águas Urbanas

NARRATIVA PROJETUAL

1

I N Q U I E T A Ç Õ E S
Introdução

2

LEITURAS
Histórico
Cartografias
Planos
Diagnóstico Atual
URBANAS

3

AÇÃO
Diretrizes Gerais
Referências Projetuais
Intervenção Geral
PROJETUAL

4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO
Sistema
Partido
Proposta
Momentos

5

R E F E R Ê N C I A S

1 INQUIETAÇÕES

¶ Embora não corresponda diretamente à capacidade projetual dos técnicos, a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo são instrumentos que exprimem de um modo contemporâneo as encruzilhadas em que as sociedades contemporâneas se encontram: o urbanismo como símbolo do poder e, ao mesmo tempo, como expressão dos movimentos sociais; e assim, as cidades como cenários produtivos, dinâmicos e energéticos, onde os culturas e as crenças atuais se manifestam, mas também ocultas de grandes possibilidades de memória e transformação; a paisagem como suporte para a contínua transformação e como referência fundamental de cada sociedade. ¶ (MONTANER, 2014, p. 41).

No contexto das cidades brasileiras pouco se observa no espaço público a integração dos diferentes atores urbanos. As infraestruturas sociais inseridas no âmbito dos municípios, quando existentes, não estão em consonância com questões urgentes, como, por exemplo, técnicas de viabilidade urbana e fluidez da dinâmica rotineira. Nesse sentido, a fim de garantir a articulação e a interação sociais, é imprescindível idealizar o lugar público considerando os aspectos ambientais e os valores simbólicos à sociedade – tal se dá principalmente por meio de políticas públicas. Assim agindo, cria-se a necessária sensibilidade às necessidades precipuamente humanas que, por vezes, são afastadas em detrimento de objetivos nitidamente menos relevantes advindos de articulação e interesse de viés político. A fim de alcançar citada realidade, faz-se necessário criar uma narrativa da grande à pequena escala, de maneira a introduzir alternativas de gestão democrática da cidade, possibilitando a participação da população nas decisões acerca do planejamento e uso do espaço público.

Cidade Contemporânea, Política e Espaço Público como Infraestrutura Urbana.

O urbanismo nasce como uma forma de organizar a dinâmica da cidade e se destaca como principal fonte de transformação social e desenvolvimento da qualidade de vida, possibilitando gradualmente a diminuição da desigualdade. No entanto, o significado primordial de política pública economicamente sustentável – que viabiliza o desenvolvimento econômico, conciliando-o com a melhoria na qualidade de vida da população e com o uso racional dos recursos naturais – a partir do urbanismo se perdeu na corrida desenfreada e a qualquer custo pela produção de bens e serviços, impulsionando disputas territoriais e de poder com objetivos unicamente econômicos. Ou seja, o poder público, que deveria comandar e governar para todos a partir de programas políticos com temáticas morais para garantir o mínimo existencial, cede suas decisões ao mercado e à especulação imobiliária.

Atualmente, a influência da arquitetura e do urbanismo na política deve se revelar nas constantes reflexões críticas relativas à responsabilidade intelectual de quem maneja e elabora políticas públicas, enfrentando de forma moral

as injustiças, privilégios e degradações.

Nesse aspecto, a significância de política para o urbanismo está ligada aos habitantes, delimitando “[...] a política como relação da arquitetura e do urbanismo com todos os diversos atores de cada sociedade.” (MONTANER, 2014, p. 32). Portanto, a transformação deve partir da sociedade para originar novos rumos para um mesmo pensamento, como por exemplo, as comunidades de bairros, organizações populares e ecológicas, como reais intervenientes. E sob esse aspecto, para Ruskin, o progresso social e a forma espacial, sobre o ponto de vista do projeto, estão inteiramente conectados.

Nesse sentido, é necessário a busca por planejamentos e lugares em que a população como um todo possa prosperar e criar novos laços em diferentes sentidos. Ou seja, obter um urbanismo popular que introduza uma infraestrutura de articulação do tecido e das pessoas. Por fim, “[...] Se a política é a organização social de um grupo que se desenvolve em um espaço, o lugar no qual esse espaço é criado será integrador ou segregador, inclusivo ou excludente, estará orientado de acordo com a aspiração à redistribuição da qualidade de vida com a perpetuação da exclusão e do domínio dos

poderes. É por isso que arquitetura é sempre política." (MONTANER, 2014, p. 66).

No que diz respeito a cidade contemporânea, se encontra uma determinada resistência a sua descrição "[...] sobretudo se ela é feita sob as formas codificadas do urbanismo moderno" (SECCHI, 2006, p. 88). A atual urbe se desenvolve como um paradigma de fragmentos, os quais se manifestam de maneira heterogênea sem se fazer possível reconhecer uma ordem.

É evidente que a racionalidade conceitual do período moderno dá lugar à abstração urbana. Contudo, a questão que permanece é o relativismo dessa "desordem", na medida em que cada período possui uma sistematização própria, sendo nítido que a ausência da "leitura racional" também influencia na relação entre o individual e o coletivo, destacando o esvaziamento interno diante de diversas dinâmicas e relações rasas desenvolvidas pela velocidade e intensidade do capitalismo global. Em contraposição, é notável as diversidades intrínsecas ao homem que são acomodadas pela urbe, dimensionadas através da busca de identidade em um vasto campo de conceitos e limites, seja físico, econômico ou social, pré-estabelecidos.

Na tentativa de compreender esses movimentos turbulentos e conectivos, nota-se que há organização e hierarquias nesse meio urbano. Uma das questões que inquietam é a estruturação unilateral existente, uma vez que os espaços públicos que deveriam se encarregar de abrigar a população acabaram se esvaziando, pois o caráter público se abriga nos moldes do capitalismo, selecionando o público e as atividades mediante competição pela garantia do bem-estar. Nesse aspecto, há conflitos que são perceptíveis em esparsos detalhes dessa cidade fragmentada, tendo em vista que as políticas públicas deram espaço e incentivo a disputas e negócios de interesse privado em detrimento das questões sociais.

O tecido urbano, moldado a partir dos sistemas e fluxos diárioss, é marcado pelas camadas históricas, pelos centros e periferias e os elementos recentes do modernismo. Nesse sentido, a obsolescência e desativações urbanas que pertencem a história das cidades (SECCHI, 2006) inquietam e demandam transformações. Entretanto, é interessante destacar dois pontos de vista distintos: o dos ruídos gerados pelas temporalidades sobrepostas em um processo de revitalização (SECCHI, 2006) e lugares e

arquiteturas bem resolvidas que independentemente da função que estabeleciam, podem originar perfeitamente um lugar de novas experiências, respaldadas no empenho de restaurar o domínio público das cidades (ROSSI Apud MONTANER, 2014).

E não mais é necessária a busca por novos territórios em uma cidade já consolidada, mas sim um olhar crítico sobre as brechas urbanas centrais ou periféricas, porque elas podem proporcionar um espaço público de qualidade. A busca se dá por lugares que trazem uma determinada nostalgia da manifestação de unir, de refugiar, um espaço do pedestre, da sociabilidade funcional. Assim, seria esse esquecido entrelaço que o presente artigo busca ressaltar mediante reflexões de uma narrativa urbana e arquitetônica, a qual desperta o olhar mais atento às relações humanas fluidas e as conquistas conjuntas através da política.

No Brasil, as experiências alternativas são vistas com destaque a partir da década de 80. No entanto, as reflexões já eram debatidas a mais de uma década em um processo de contraposição ao modelo central-desenvolvimentista (BONDUKI, 1996) e "caracterizam-se por uma nova postura de gestão de cidade, baseada no

trinômio participação-desenvolvimento sustentável-qualidade de vida e do meio ambiente [...]” (BONDUKI, 1996, p. 263-264), chamada ambiental-participativa. Nesse âmbito, já iniciado internacionalmente, se apresenta o estímulo para as questões que acabaram sendo secundarizadas com o desenvolvimento do mercado especulativo e grandes obras de infraestruturas, que por vezes apenas demonstravam o poder político numa disputa de reconhecimento.

Portanto, nessa nova postura se reconhecem alternativas de intervenção, realizando o papel democrático e articulador do urbanismo junto a políticas públicas de cunho social por meio do direito à cidade, que, no entendimento desse artigo, pode e deve ser realizado por meio do projeto e planejamento de espaços públicos de qualidade e sustentáveis, evitando que o crescimento e desenvolvimentos se articulem a partir apenas de bases legislativas.

Preexistências, História e Reinterpretação da Sensibilidade

A busca recorrente por soluções alternativas, na década de 70, aos critérios racionais até então vigentes, chama a atenção no reconhecimento das diversas camadas sociais. Essa reflexão surge como consequência do despertar humanista

dos anos 50. Nesse aspecto, citado estímulo também converge com os movimentos ecológistas e de dúvida em relação ao capitalismo, que se direcionam nesse sentido de transformação. Apesar de considerar essas camadas, a interação entre elas na arquitetura e urbanismo ainda estava distante.

O cenário em análise se apresenta primeiramente nos impactos do apagamento de uma memória plural como consequência da globalização e manifestações de cidades genéricas. Com esse posicionamento, um arquiteto que instiga a refletir essas questões intrínsecas ao significado das relações entre a sociedade e sua história, a construção da cidade no tempo (ROSSI, 1966), é Aldo Rossi. Através da Arquitetura da cidade, 1966, se comprehende a cidade como elemento de história e cultura, e, portanto, “[...] seu propósito é entender a arquitetura em relação a cidade, a sua gestão política, memória, diretrizes, traçado e estrutura da propriedade urbana.” (MONTANER, 2014, p. 139), com um trabalho a partir de diversidade de pontos de vista disciplinares.

Outro ponto importante a se inserir é a relação forma-função, importante na interpretação das pré-existências. Para Rossi, o domínio da

função sobre a forma é rompido, não entendendo a forma como resultado da função como o racionalismo moderno. E, nesse aspecto, discorre sobre a passagem do tempo, os edifícios e a relação com as pessoas a partir de símbolos, pois, “sempre afirmou que os lugares são mais fortes que o acontecimento. Essa possibilidade de permanência é o único elemento que faz a paisagem ou coisas construídas superiores às pessoas.” (ROSSI, 1995, Apud MONTANER, 2014, p. 139). Portanto, é notável a interpretação de um espaço capaz de se refazer no tempo, na medida em que, “essa criação que constitui a arquitetura é uma produção do espírito por meio da qual podemos definir a arte de elaborar e aperfeiçoar qualquer edifício.” (ROSSI, 1995, Apud MONTANER, 2014, p. 139). Na relação das concepções pós-modernas, muitas são pautadas nos contrastes e mudanças de uso e sua capacidade de se converter, reutilizando edifícios, destacando essa força da forma, que, segundo Rossi, quanto mais precisa, mais gera essa liberdade para que edifícios servem a necessidades da população.

Sob esse ponto de vista, se enquadra os conceitos de significado do lugar. O termo *genius loci* se origina na tentativa de resgatar valores

precedentes. Na medida em que "a arquitetura volte a se situar entre os bens culturais do homem e seja entendida como criação de lugares significativos, no concreto e fenomenológico da palavra" (MONTANER, 2014, pg. 191), como uma forma de direcionar a importância da cultura do lugar no processo de transformação física e conceitual.

Recentemente, a arquitetura contemporânea passou a se reconectar com a sensibilidade do lugar. Os aparatos tecnológicos que deram base ao movimento moderno já não se enquadraram suficientemente às repostas para as teorias em questão. As vanguardas que desenvolveram o conceito de espaço fluido e contínuo no espaço-tempo, qualificado em contraposição ao tradicional e limitado, convergiram na definição de Schmarzow da arquitetura como a "arte do espaço" e Riegl como espaço sendo a essência da arquitetura.

Realizando uma busca temporal, a estética pitoresca que surge com base nas pinturas de paisagem do século XVII, introduziu a relação com o lugar e seu sentido mais próximo ao ser humano. Tardiamente, se retoma essa ideia de identidade ao lugar - fugindo da extrema representação racionalista da Carta de Atenas

que desenvolveu o urbanismo especulativo e se afastava das questões ecológicas e de relevância na sensibilidade ao lugar. Portanto, "[...] A recuperação da ideia de lugar também constituiu uma crítica à maneira como foi elaborada a cidade contemporânea. E a revalorização da ideia de lugar estaria estreitamente relacionada com o início da recuperação da história e da memória, valores que o espaço do estilo internacional -ou antiespaço- rejeitava." (MONTANER, 2014, p.36).

Procurando compreender os significados intrínsecos ao desenrolar do lugar para articulação social, distingue-se a experiência e percepção pelo corpo humano no espaço - segundo Maurice Merleau-Ponty, que entende a referência do lugar concebido como a experiência corporal. Neste caso, a narrativa de um lugar com ambientes e experiências singulares resultaria em um parque urbano com o apoio de espaços e construções sob o aspecto da transformação. É relevante citar também Louis Kahn, na medida em que o arquiteto correlaciona a pequena e grande escala. A primeira de maneira a materializar o espaço interior de detalhes naturais e valores simbólicos, e o segundo compreendido a partir do já citado *genius loci*, "como

a capacidade de fazer aflorar as preexistências ambientais, como objetivos reunidos no lugar, como articulação das diversas peças urbanas (praça, rua, avenida)." (MONTANER, 2014, p. 37). Em suma, o conceito de lugar seria a intersecção do interior com a implantação, desenvolvendo a dimensão do contexto do entorno e da paisagem para se inserir no edifício.

Nesse quadro, a preexistência pode se desenvolver com um viés de resgate à memória coletiva e seu sentido de conexão entre os indivíduos, destacando o patrimônio histórico, sem deixar de inserir a identidade contemporânea da sociedade. Sob esse entendimento, se reconhece a "[...] lúcida consciência de que todo passado é no presente uma construção que põe o tempo em movimento." (ALMEIDA; BOGÉA, 2016). Na medida em que toda memória individual é filtrada por sua intervenção subjetiva, através de valores particulares. E a partir da leitura que realizamos, encontramos a transformação da realidade, abrigando a materialidade em lembranças. E, no que diz respeito ao trabalho do arquiteto sobre a memória, se entende que "[...] cabe valorizar uma certa arquitetura que, na evidência de sua materialidade poética, ao invés de apagar rastros ou construir um mais

além, reconciliasse com a espessura do tempo de onde se pode vislumbrar o traço coletivo da cultura." (ALMEIDA; BOGÉA, 2016).

Posteriormente, surge com os recentes arquitetos internacionais o conceito de abstração formal. Trata-se de questão que chama a atenção, pois ela seria contrária à ideia de lugar. Surge, contudo, o seguinte questionamento: como unir o lugar das preexistências com a abstração formal, inserindo o "caos" da cidade contemporânea em seus projetos?. Ou seja, procurando uma maneira alternativa de reconectar o indivíduo às questões humanas que foram perdidas, aproximando-as das suas sensibilidades atuais. Nessa ótica, admite-se a perda desse simbolismo urbano, mas o artigo questiona se é possível a busca de uma nova experiência: há como vincular história, simbolismo e abstração formal? Priorizando a ideia de abstração da forma, sem conectá-la ao conceito do movimento, acredita-se que é possível um elemento formal construir juntamente com a leveza da natureza uma sensibilidade tal que origine um simbolismo interior, capaz de traduzir a percepção do espaço em lugar.

Paisagem e Sociedade

No aspecto ambiental e do conjunto urbano consolidado, se consta que "à medida em que as cidades se tornam maiores e mais congestionadas, a distância do campo e a nostalgia da natureza aumentam, enquanto queixas contra a vida urbana [...] (SPIRN, 1995, p. 47) como uma forma de criar uma pequena utopia que se caracteriza pelo refúgio desde o século XIX até a conturbada cidade contemporânea. Sendo assim, os parques urbanos surgem como "áreas verdes de grandes dimensões destinadas ao lazer, à recreação e ao culto e fruição da natureza." (BONDUKI, 2010, p. 189), na busca por percursos urbanos que valorizem a primeira grandeza da cidade de forma fluida.

Sendo assim, no âmbito dos espaços urbanos, é importante destacar dentro da arquitetura, engenharia e paisagem, a infraestrutura, a materialidade e o simbolismo (STEVENS, 2009), pois nesse caso, são fundamentais para atender as demandas naturais, mesmo quando sejam inseridas de maneira artificial. Ou seja, identificar a percepção dessas paisagens pós-modernas por parte dos usuários é fundamental, e, nesse caso, destaca-se o autor Lefebvre' s (1991) sobre "concept of 'second nature' ,

meaning an artificial landscape that gains the perception of being natural, where people become habituated to it and cease to recognise it as artifice, as something socially produced and managed." (STEVENS, 2009, p. 4). Portanto, a questão se estende a reflexão de quanto esses projetos controlam os usuários na tentativa de criar liberdade no espaço urbano.

E no interior da paisagem se encontram diferentes formas de inserção da água nas cidades. Predominantemente são notados os projetos que permanecem fora da linha d' água, com costas artificiais, e que, por vezes, evitam o contato do usuário com a água com emprego de barragens, diques, eclusas e taludes. Esses casos se destacam pela preocupação com a qualidade deste recurso natural nas hipóteses em que não há planejamento para tratamento e purificação ou oportunidades de melhoramento. No entanto, existem inúmeras críticas sobre esse aspecto, uma vez que para muitos urbanistas a qualidade visual do espaço em relação a água não deve ser uma limitação, principalmente quando a intenção é desenvolver a utilização e criar espaços de lazer e ócio.

A partir da realização de projetos, é primordial refletir sobre como a população os recebe e os

interpreta, bem como o que essas experiências têm proporcionado a seus integrantes. Assim, para Stevens, os projetos devem levar em consideração quatro pontos principais a fim de atingir um alto padrão: visar diferentes qualidades de vida e lazer relativas à diversidade cultural na forma de espaços urbanos de presença de frentes de águas; pretender a diversidade estética com uso de tecnologias disponíveis criando diferentes dinâmicas no desenho paisagístico, seja ele real ou artificial; Utilizar a água em climas, processos e regiões de contextos diferentes; e se preocupar com a diversidade de contextos econômicos e sociais e sua relação com a paisagem estabelecida.

Nesse contexto, conclui-se que é fundamental a compreensão projetual por parte da sociedade. Como já abordado, a defesa da gestão urbana democrática, com ampla participação da população nos grandes projetos públicos, ganhou força no final da fase moderna. Mais que isso, para muitos, ficou claro que a opinião pública deve refletir nos resultados finais do projeto para atingir uma maior eficácia. Sendo assim, se defende o planejamento de caráter distante do disciplinar, uma vez que isso geraria maiores possibilidades transformadoras a partir do foco

no coletivo. Argumenta-se, então, por uma maior miscigenação de conhecimento, desde os profissionais até a população que desfruta de fato do ambiente projetado.

Finalmente, é necessário encarar as críticas à arquitetura e ao urbanismo sob o aspecto produtivo. O espaço público deve emergir como infraestrutura urbana, a critério de entendimento das situações de cidades já consolidadas. Os locais subutilizados e obsoletos que já marcaram presença em uma linha temporal se tornam preexistências capazes de traduzir e implementar o lugar necessário à integração social sob responsabilidade de buscar a requalificação e adequação de forma ecológica e poética, viabilizando a vida comunitária.

Considerando os aspectos das dinâmicas urbanas consolidadas - principalmente originadas da atividade portuária de uma cidade litorânea -, simbolismo histórico e preexistencias, relações com corpos d' água e espaços subutilizados, a cidade escolhida para a realização de uma proposta de intervenção é Santos, no litoral de São Paulo.



2 LEITURAS URBANAS



FIGURA 02. Localização do estado de São Paulo no Brasil. Fonte: <www.mecar.ind.br>. Sem escala.



FIGURA 03. Localização da cidade de Santos no estado de São Paulo.
Fonte: <www.congressoemfoco.uol.com.br>. Sem Escala.

População total: 419400 hab* (2010)

Densidade demográfica: 1494,26 hab/km²

0-15 anos: 16,75% (2010)

15-64 anos: 69,20% (2010)

65 anos ou +: 14,05% (2010)

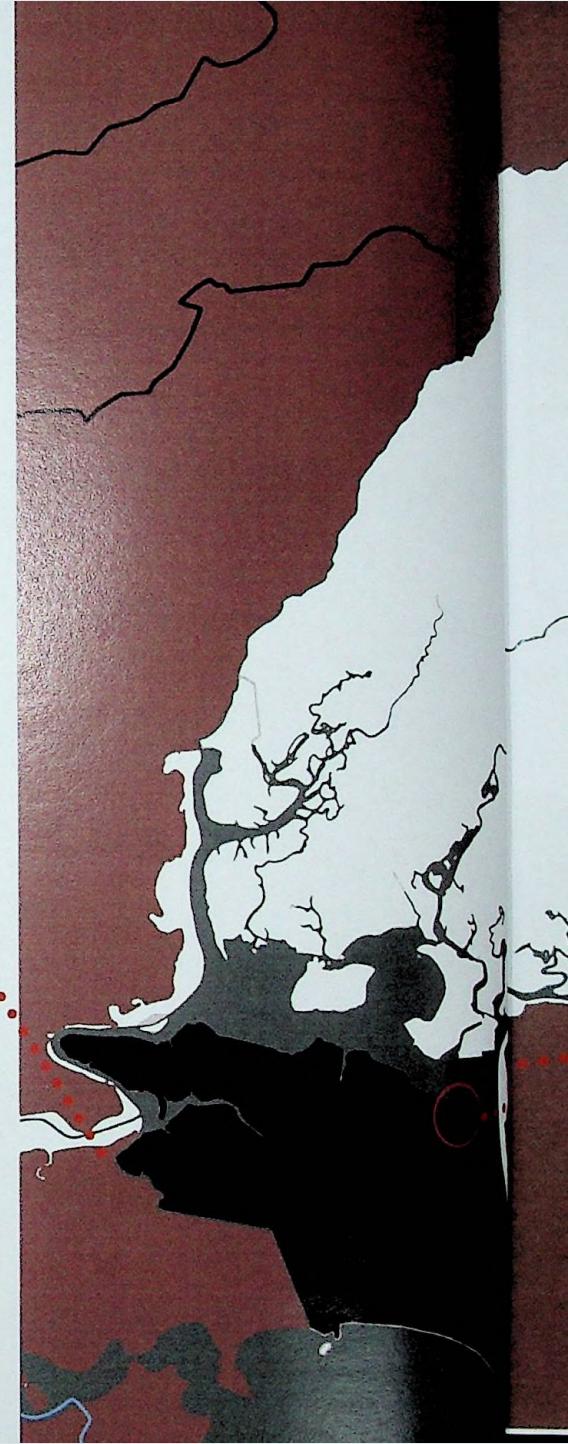
Taxa de atividade: 64,09%

População urbana: 99,93%

Área Insular - uso urbano: 17,80%

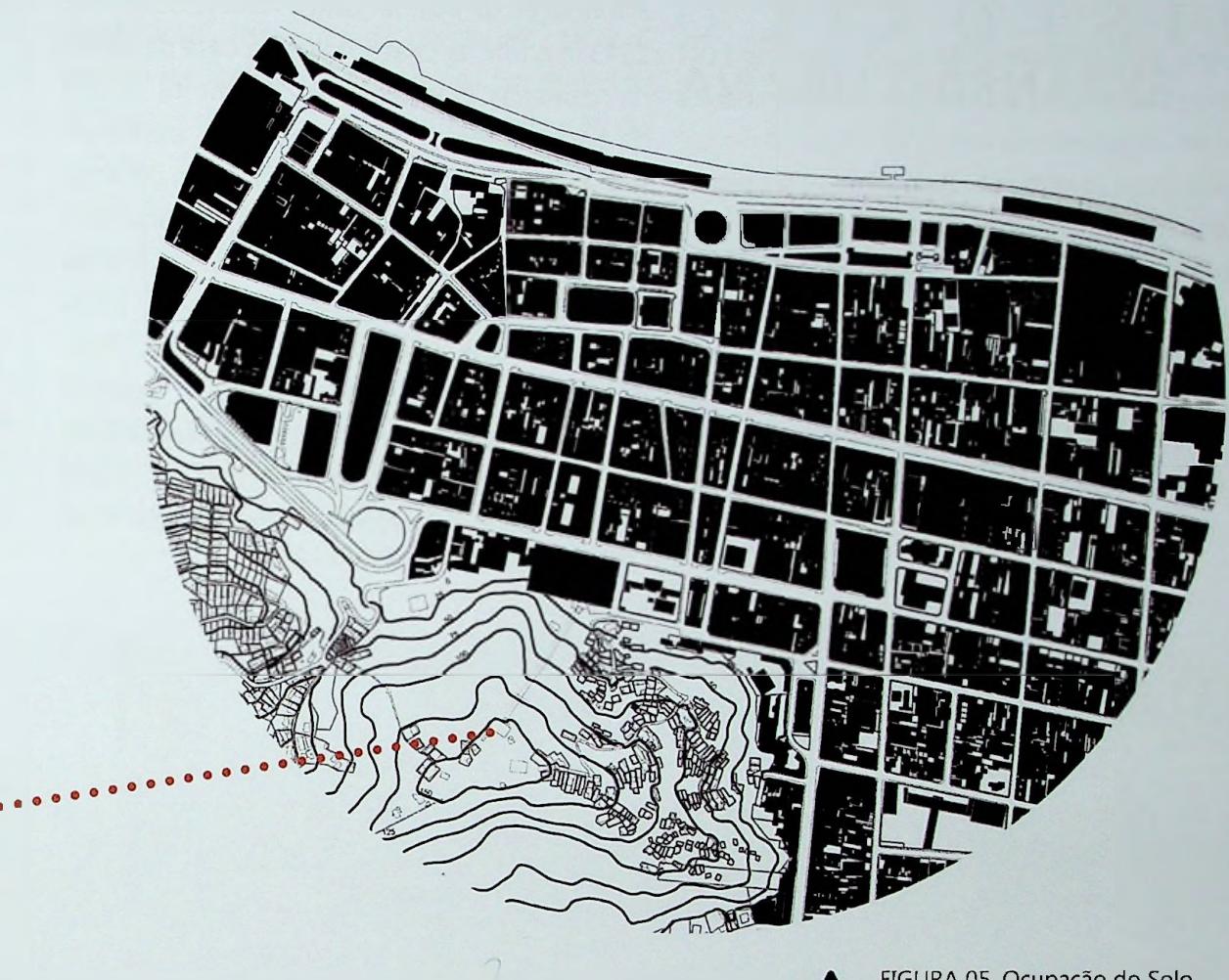
Área continental - expansão urbana, mangue e florestal: 82,20%

APRESENTAÇÃO SANTOS - SP





LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



▲ FIGURA 04. Delimitação da cidade de Santos. Área Insular (hachurada) e Continental. Autoria Própria.
Fonte: SEDURB - Prefeitura Municipal de Santos, 2018. Sem escala.

▲ FIGURA 05. Ocupação do Solo. Região de Proposta de Intervenção Geral. Autoria Própria. Fonte: SEDURB - Prefeitura Municipal de Santos, 2014. Sem escala.

HISTÓRICO EXPANSÃO URANA

A fundação da Vila de Santos remete ao ano de 1543, a partir da criação de uma casa de saúde na sesmarias Bráz Cubas na orla norte da Ilha de São Vicente. A região central se desenvolveu a partir do processo de instalação de atividades referentes aos ciclos do ouro, cana, café através do setor portuário. Em suma, a atual região do centro da cidade é formada pelos bairros Centro, Valongo, Paquetá, Vila Nova e parte da Vila Mathias, e espelha o histórico das primeiras relação sociais e atividades econômicas e disputas socioespaciais da cidade desde o período colonial até os dias de hoje.

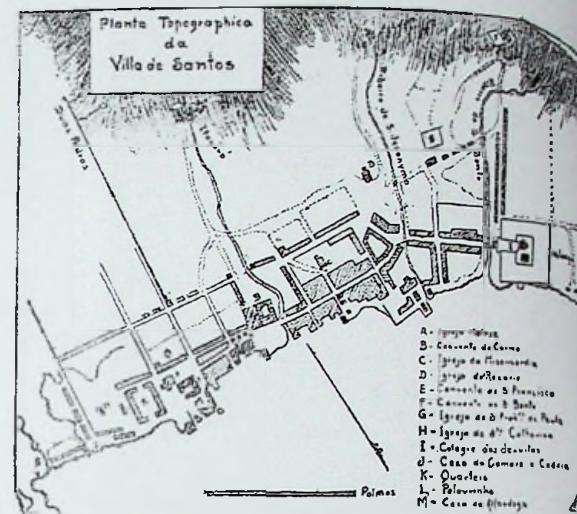


FIGURA 05. Planta topográfica da Vila de Santos, 1922. Fonte: NOVO MILÉNIO, 2010.

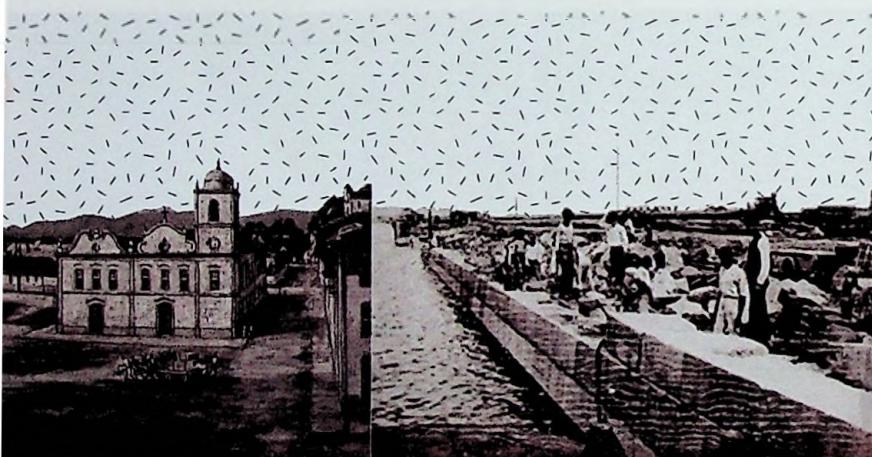


FIGURA 6. Vila de Santos por Benedito Calixto, Período Colonial. Fonte: <www.wikipedia.com.br>.

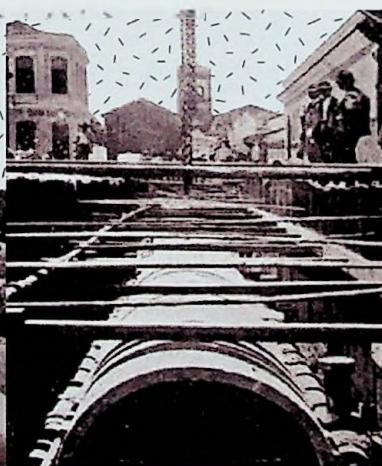


FIGURA 7. Primeiro trecho de cais, 1892. Fonte: SANTOS, 2012.

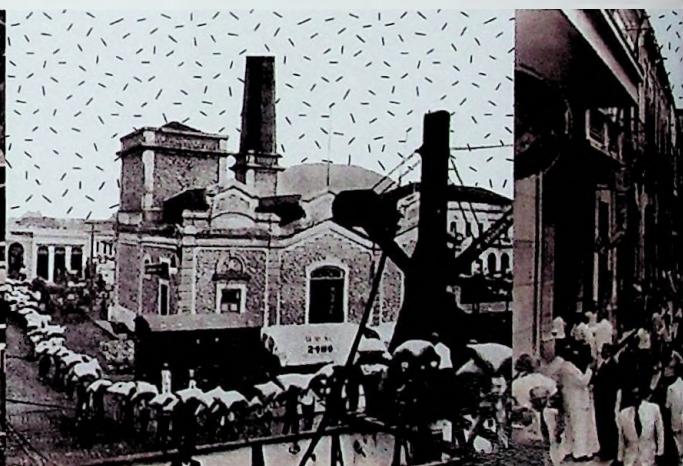


FIGURA 8. Obras da canalização do Ribeirão do Itororó. Fonte: SANTOS, 2012.

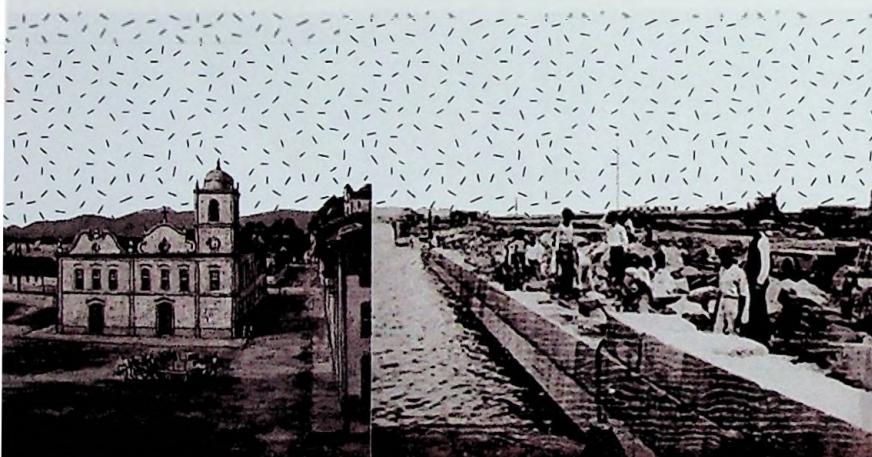


FIGURA 9. Trabalhadores no carregamento de café. Fonte: SANTOS, 2012.



FIGURA 10. Rua X e Bolsa do Café ao fundo. Fonte: SANTOS, 2012.

A partir da identidade de cidade litorânea, as relações entre a orla e o território e as inserções migratórias - que marcaram um legado a comunidade santista - advindas das oportunidades de trabalho definidas essencialmente pelo porto, percorreram um longo caminho ao moldar a implantação da região. A instalação da linha férrea e estação de trem do Valongo, no ano de 1867, consolidou não só a relação Santos-São Paulo de produção e exportação, como também a implantação de trabalhadores que aumentaram significativamente a densidade da planície no período.

A mobilidade local foi estimulada pela instalação da primeira linha de bonde em 1873. E no ano de 1892 ocorreu a instalação do Porto de Santos em que se realizou a construção da primeira faixa de cais da cidade de Santos, a partir da modernização da infraestrutura portuária pela Companhia Docas de Santos, que se estendia do Valongo até a rua Brás Cubas. E, no mesmo período, a infraestrutura urbana da região se desenvolveu pela retificação e canalização dos três rios – Ribeirão São Bento (antigo Desterro), Riacho dos Jerônimos e Riacho do Itororó (antigo do Carmo) - que permeavam o território dos morros até o cais, para estimular

a drenagem local.

No início do século XX se evidenciou o impacto das atividades ligadas a produção cafeeira. Segundo Santos (2012) a concentração de imigrantes e trabalhadores fez dobrar a população central no período de quarenta anos, mesmo momento em que se instalou grandes galpões ligados a atividade portuária. E como consequência, as condições de habitação local foram se alterando a partir do desenvolvimento de cortiços e ocupações na faixa inicial dos morros da população de baixa renda e trabalhadores do setor portuário.

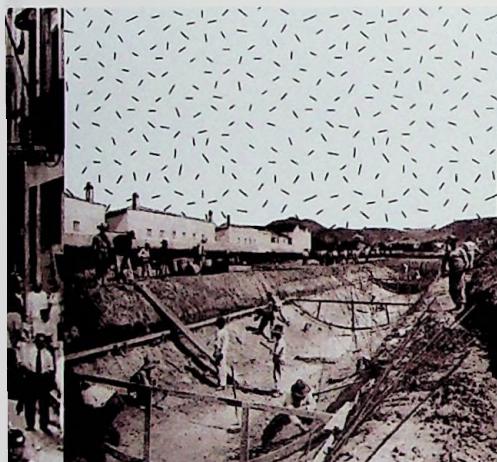


FIGURA 11. Obras dos Canais do Plano de Saturnino de Brito. Fonte: NOVO MILÊNIO, 2010.



FIGURA 12. Trecho inicial da Av. Conselheiro Nébias (cartão-postal de 1915). Fonte: SANTOS, 2012.

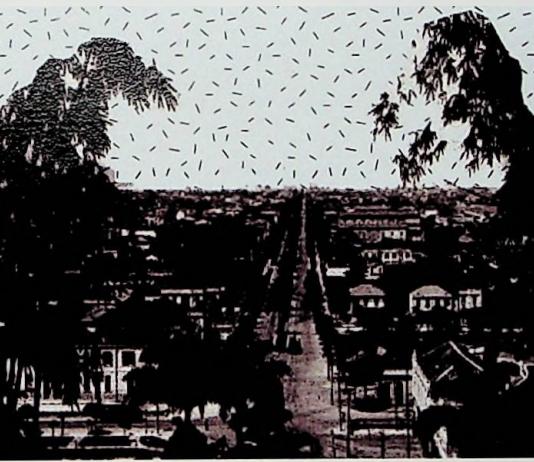


FIGURA 13. Início da Avenida Ana Costa. Fonte: SANTOS, 2012.



FIGURA 14. Imóvel deteriorado no bairro do Paquetá. Fonte: SANTOS, 2012.

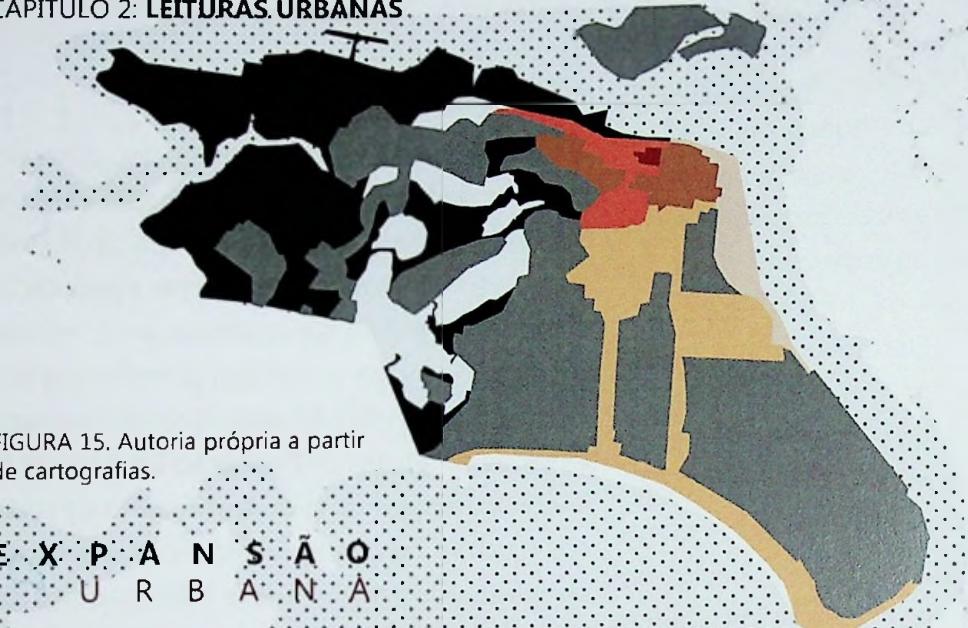


FIGURA 15. Autoria própria a partir de cartografias.

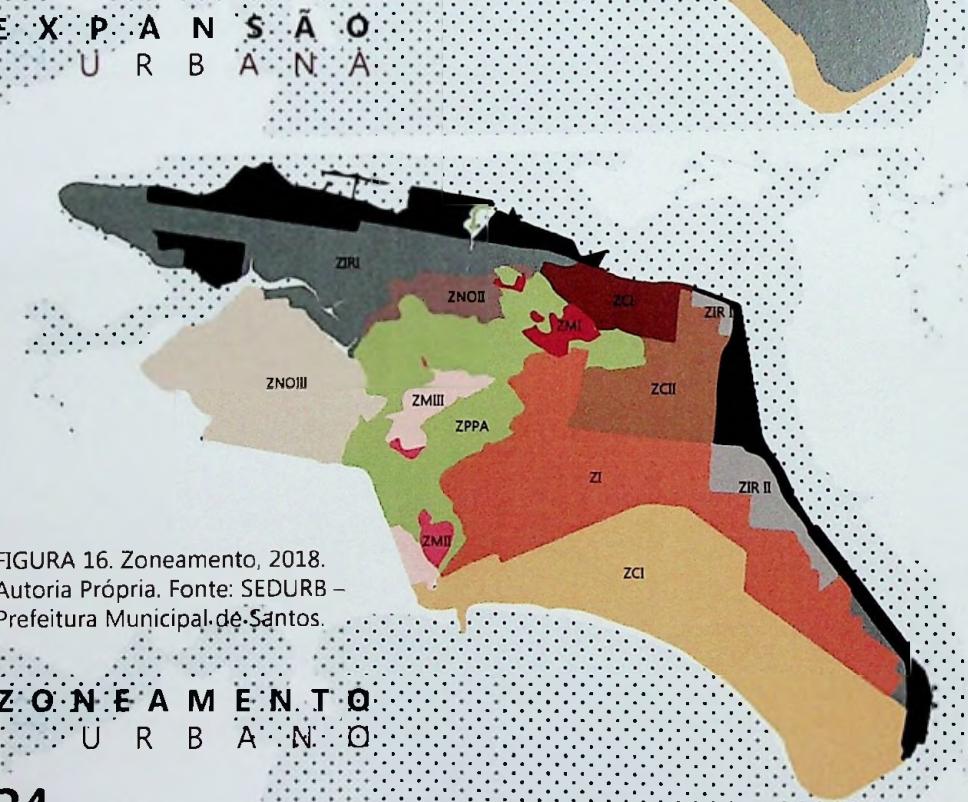


FIGURA 16. Zoneamento, 2018.
Autoria Própria. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos.

ZONEAMENTO URBANO

FIGURA 17. Panorama do bairro do Valongo no final do século XIX.
Fonte: Museu do Pelé, 2019.

No ano de 1905, foi implantado o Plano de Saneamento de Saturnino de Brito que deu início ao desenvolvimento da dinâmica urbana no vetor sul da cidade. Através de canais de drenagem na nova área de expansão, o plano conferia uma qualidade de vida à população. No entanto, o plano apresentado pelo engenheiro tinha um caráter urbanístico, e embasado na topografia e hidrografia do território, era constituído por grandes avenidas, e ruas largas e serviços na estruturação dos novos bairros. Nesse aspecto, se contrapunha ao projeto de loteadores e construtores que pretendiam ampliar seu capital com a inserção de eixo de desenvolvimento, sendo motivo de empenho na Câmara Municipal.

Paralelamente a esse processo, o desenvolvimento da infraestrutura viária das Avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias e a instalação do bonde elétrico no ano de 1909 consolidaram o processo de expansão da zona leste. E, criaram o ponto chave de conexão entre o centro histórico e a orla, onde se instalaram comércios, serviços, instituições públicas, empresas e outras atividades, que as transformaram esses eixos estruturantes da cidade de Santos, em um grande polo regional terciário da Baixada Santista.

ESPAÇO PÚBLICO PULSANTE: O RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP

Em relação ao Porto de Santos, sua expansão e consolidação ocorreu a partir do século XIX, vinculado às infraestruturas ferroviária, portuária e viária. Nesse mesmo período se destaca a atuação de Prestes Maia no município, o qual elaborou o Plano Regional de Santos de articulação e integração da região em função da atividade portuária, devido a estagnação provocada pelo intenso crescimento econômico do porto.

A estruturação da zona leste e suas novas reforçou a importância da costa paulista como eixo de exportação e importação. E um aumento da população responde a esse fato. Segundo Santos (2012), a partir da década de 50, principalmente com a abertura da Via Anchieta, 1947, a facilidade de acesso instaurou a atividade turística balneária e a vinda da população sazonal.

Em suma, segundo o relatório do Instituto Polis, na década de 1970 se apresentava intensamente urbanizada, principalmente a zona leste. E apesar dos planos urbanísticos implantados, se constituiu uma malha viária heterogênia, pouco articulada e com uma diversidade de loteamentos.

No tocante a área central, que inicialmente concentrava a totalidade de comércios, serviços e habitações, sofreu um processo de esvaziamento intenso e gradual a partir da década de 1960. Segundo dados do IBGE, entre os anos de 1980 e 2010, a área central da cidade perdeu aproximadamente 10% da população, e essa aceleração é compatível com o período de crise econômica no Brasil e criação de novas centralidades na cidade, como no bairro Gonzaga. E, como consequência desse processo, se estruturou um movimento pendular de população ativa entre o centro e a orla.

No mesmo período, se evidenciou a ampliação da segregação socioespacial com o aumento de aproximadamente 16% da população em área de risco, mangues e encostas. Na região noroeste, de loteamentos mais recentes e valores mais acessíveis, densidade demográfica dobrou, no entanto, se manteve a baixa densidade populacional em relação às outras regiões da cidade. E, segundo Carriço (2002), a zona leste se apresentou com um crescimento inferior em relação ao seu histórico de adensamento, refletindo a concentração de empreendimentos privados na área.

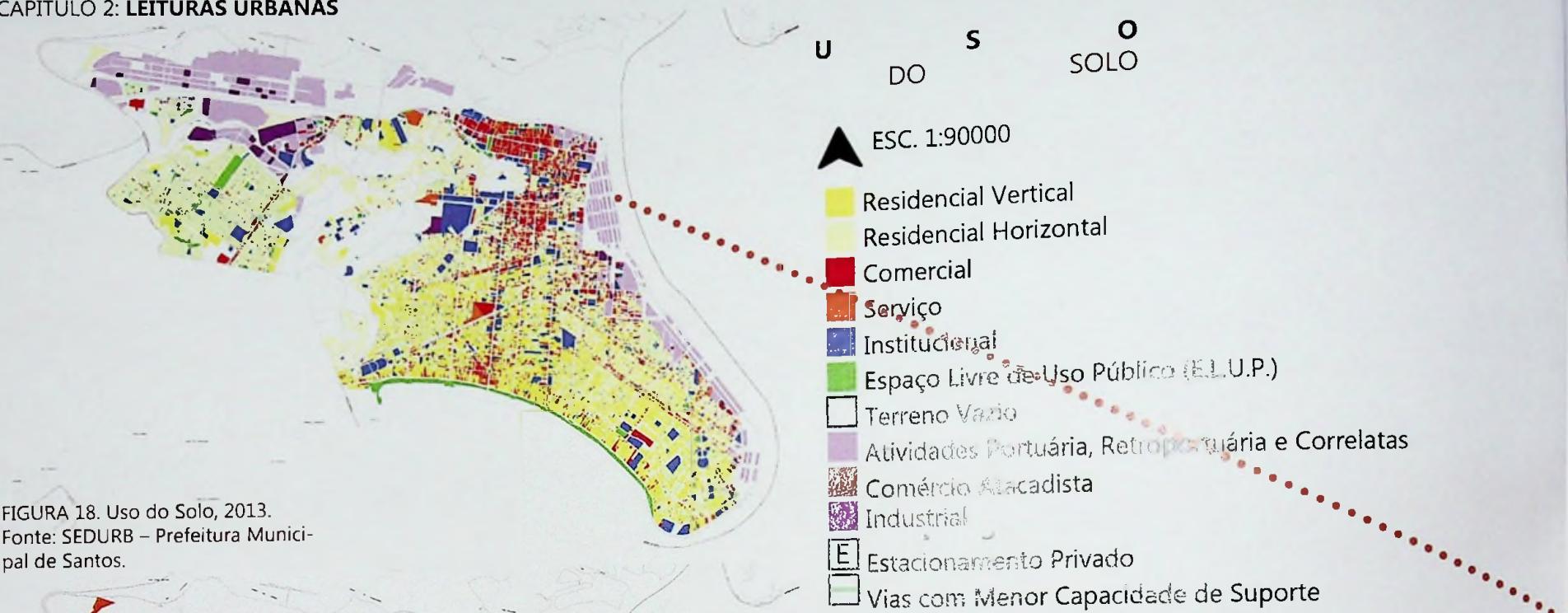


FIGURA 18. Uso do Solo, 2013.
Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos.

D E N S I D A D E DEMOGRÁFICA

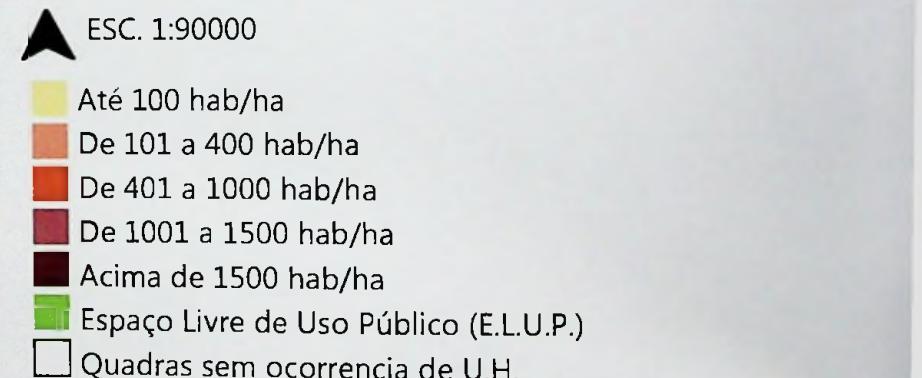


FIGURA 19. Densidade Demográfica, 2013. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos.

O plano diretor de Santos (1998), baseado em uma cidade sustentável e inclusiva, realizou uma revisão legislativa do uso do solo para desenvolver o quadro de estagnação da área central - que, como consequência, apresentava um alto índice de imóveis desocupados. Segundo o diagnóstico da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, esse acentuado esvaziamento se apresenta como reflexo da legislação urbanística da cidade, que não se modificou no período de 1968 a 1998.

Em suma, esse plano considerou características do território como gabarito e potencial construtivo, instaurando uma lei complementar que criou maior liberdade de ocupação, gerando um processo de verticalização na paisagem. No entanto, "a cidade ainda permanece com bloqueios que requerem um olhar estratégico, um olhar de coalização para superação das questões associadas à moradia, à preservação do patrimônio, à relação porto-cidade, dentre outros aspectos." (SEDURB, 2016, p. 1)

Entre 1990 e 2000, a partir do quadro de esgotamento da região central, ocorreu a diminuição das unidades habitacionais, principalmente

E parte dos serviço e comércios se tornaram desocupados – ressaltando que, em 2014, 42% desses imóveis possuíam níveis de proteção 1 e 2 – portanto, ocorreu uma diminuição das dinâmicas locais. As indústrias que passaram a se concentrar mais no bairro Paquetá consolidaram o aumento de edificações usados como estacionamento. Nesse aspecto, uma política de incentivo a ocupação ocorreu através da instalação de instituições nesses imóveis desocupados, como forma de reativar a região.

Nesse aspecto, uma pesquisa do NESE (Núcleo de Pesquisas e Estudos Socioeconômicos da Universidade Santa Cecília) sobre as percepções da população Santista em relação ao centro histórico, se evidenciou questões relacionadas aos baixos índices de hábitos e frequência na região. A falta de segurança se apresenta disparadamente como um fator de instabilidade, essencialmente no período noturno, somada a ausência de atividades que realmente estimulem o deslocamento para a centro da cidade, ou, quando presentes, a deficiência na divulgação de desses atrativos por parte do poder público. A exceção das motivações se apresentou apenas quando vinculadas a atividades comerciais ou alimentícias, como restaurantes.

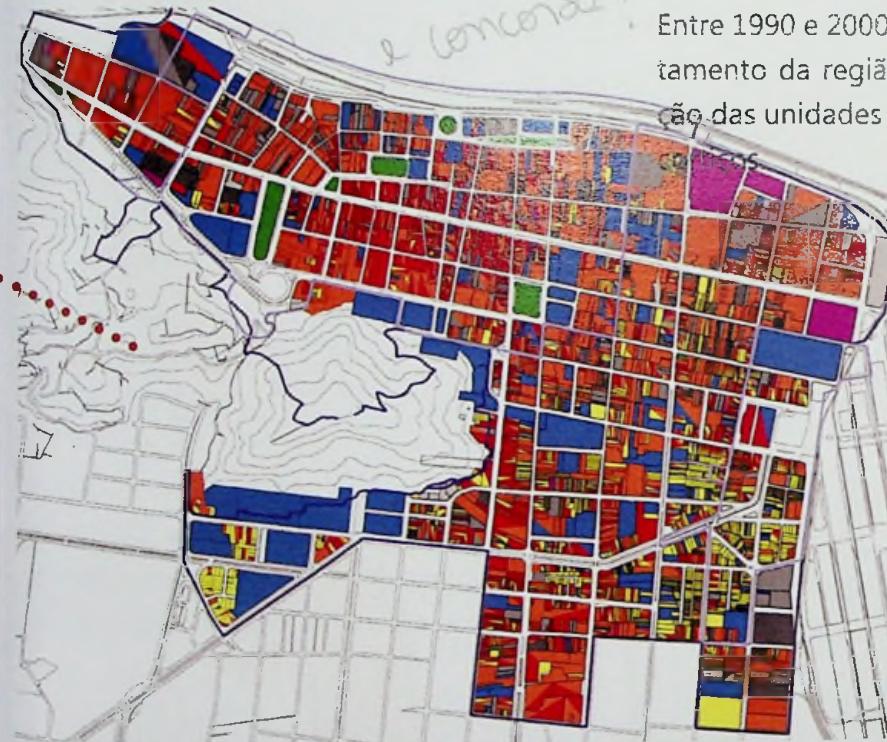


FIGURA 20. Uso do Solo - Centro.
Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2014.

CAPÍTULO 2: LEITURAS URBANAS

FIGURA 21. Zonas Especiais. Autoria Própria. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2018.



LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP

Em contrapartida, em 2018, foi implementada a lei complementar de legislação urbanística municipal, que realizou um ordenamento do uso e ocupação do solo a partir de instrumentos de flexibilização legal e a criação de diretrizes estratégicas para a revitalização da área, como a criação de zonas especiais que consideram as peculiaridades de cada área.

Marcada pelo patrimônio histórico e os diferentes níveis de proteção, foi desenvolvida a área de proteção cultural que abriga símbolos de identidade da cidade estimulando a preservação; as zonas de renovação urbana Valongo e Paquetá que compreendem o fomento do uso misto e principalmente habitacional; a área de adensamento sustentável, que incentiva a densidade demográfica a partir de políticas de habitação social e mercado popular somada a novos projetos de mobilidade urbana através do transporte público como o VLT; as ZEEIS, que consiste em programas e projetos para atendimento de população de baixa renda através de residências; e por fim, os NIDEs, que por meio de diretrizes estratégicas direcionam o desenvolvimento de áreas mais específicas como os armazéns desativados da orla central, reestabelecendo função para o território ocupado.

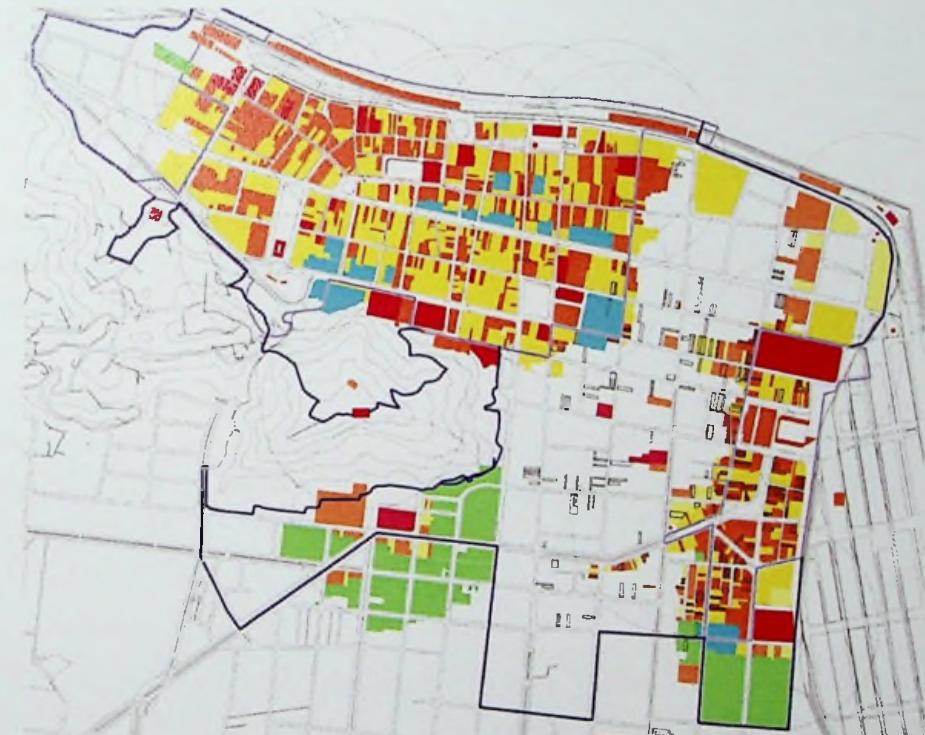
- NP 1 (APC)
- NP 2 (APC)
- NP 3A (APC)
- NP 3B (APC)
- NP 4 (APC)
- NP 1
- NP 2
- NP 3
- NP 4
- Alegra Centro
- Área de Proteção Cultural (APC)



PROTEÇÃO
CULTURAL

ESC. 1:20000

FIGURA 22. Proteção Cultural. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2014.



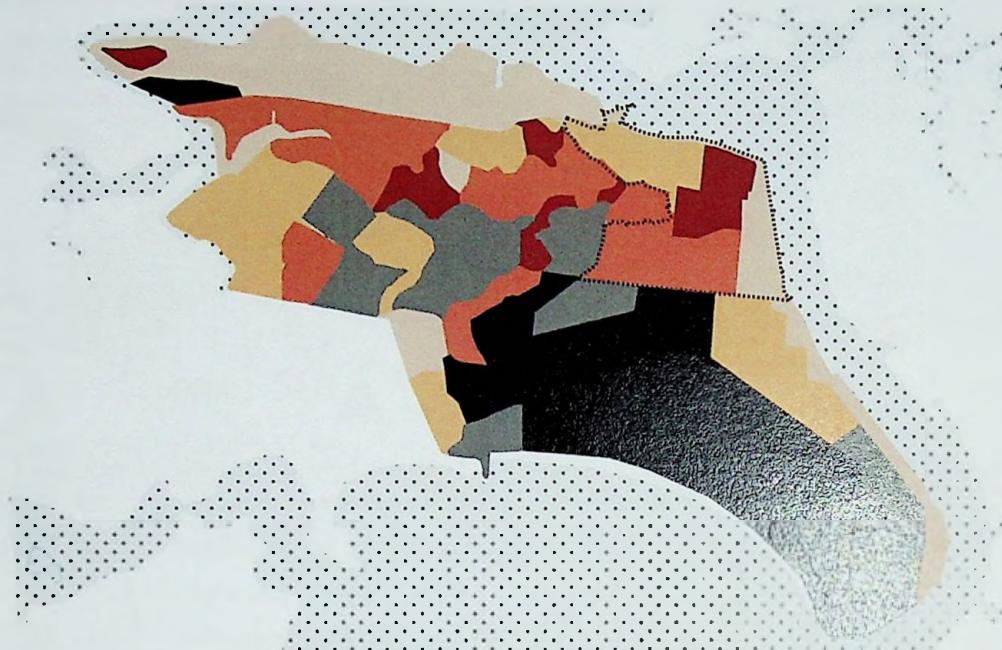


FIGURA 23. Vulnerabilidade Socioambiental, 2010. Autoria Própria.
Fonte: CEAPLA / IGCE - UNESP.

DESIGUALDADE SOCIOESPACIAL

30

Como já evidenciado, o processo de expansão da cidade estimulou a segregação espacial na medida em que a atividade portuária e valorização da terra na região central, gerou fluxos migratórios direcionados a área de morros e região noroeste de Santos. E, somado a esse processo, o desenvolvimento de infraestruturas urbanas na porção leste desencadeou a especulação imobiliária na região, consolidando privilégios à camadas mais favorecidas. Nesse aspecto, o estudo realizado por pesquisadores CEAPLA/IGCE-UNESP reafirma essa segregação do território, a partir dos

VULNERABILIDADE SOCIOAMBIENTAL

▲ ESC. 1:90000

- Muito baixa
- Baixa
- Média
- Alta
- Muito alta
- Áreas não consideradas na análise

fatores de capacidade de suporte e criticidade, representando as condições físicas e ambientais das áreas relacionadas a fatores sociais, como taxa sócio, escolaridade, renda e emprego.

As áreas de vulnerabilidade alta e média se concentram na região dos morros, e bairros da macrozona do centro, resultado de um perfil de jovens e idosos responsáveis pelo domicílio e baixas taxas de alfabetização e renda. Enquanto bairros do vetor sul apresentam melhores condições socioeconômicas e de infraestrutura urbana e consequentemente menor vulnerabilidade social. No entanto, segundo o Plano de Mobilidade Urbana (2015), apesar das diferentes camadas do território, se consolidou o perfil de população idosa, de maior renda e escolaridade em relação às cidades da Baixada Santista.

Macrozona Centro

predomínio de atividades do setor terciário, edificações de patrimônio cultural, baixa densidade, densa ocupação e concentração de imóveis desocupados.

Macrozona Leste (Vetor Sul)

edificações de predomínio vertical de uso fixo e temporário, população de alta renda, concentração de uso de veículos motorizados, lotes altamente valorizados, jovens e idosos, infraestrutura urbana, concentração de atividades recreativas e culturais.

Macrozona Noroeste

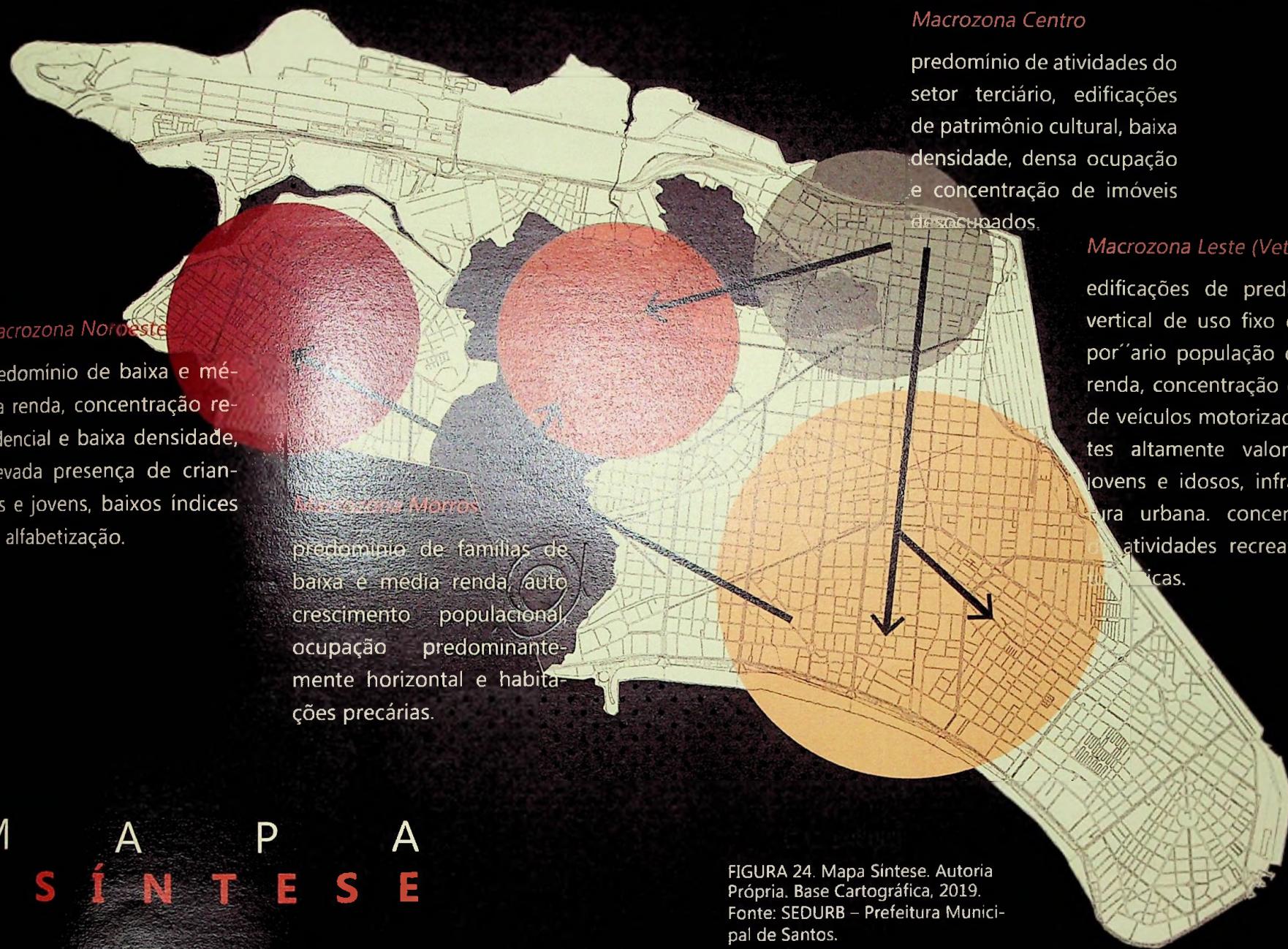
predomínio de baixa e média renda, concentração residencial e baixa densidade, elevada presença de crianças e jovens, baixos índices de alfabetização.

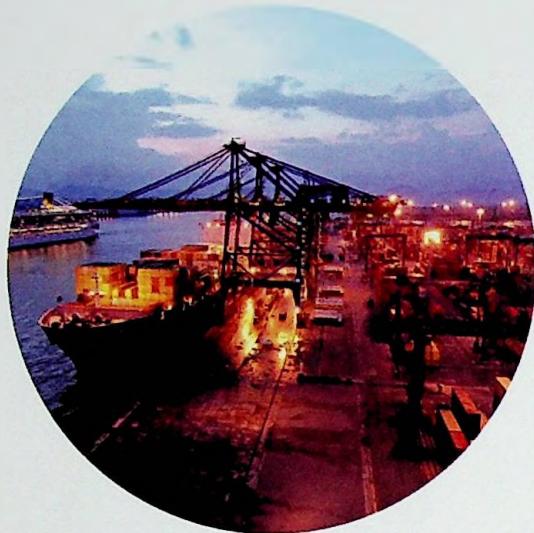
Macrozona Morros

predomínio de famílias de baixa e media renda, auto crescimento populacional, ocupação predominantemente horizontal e habitações precárias.

M A P A
S Í N T E S E

FIGURA 24. Mapa Síntese. Autoria Própria. Base Cartográfica, 2019.
Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos.





O Porto de Santos, que se caracteriza por ser o maior da América Latina, se estende por aproximadamente 16.000 metros da costa de Santos, e concentra a principal atividade econômica da cidade. Sendo assim, a zona portuária se destaca pela intensa ocupação da linha d' água, com desenvolvimento de atividades de embarque e desembarque, armazéns e isolamento em relação a malha urbana.

RELAÇÃO TERRA/ÁGUA

FIGURA 25. Porto de Santos - Terminal Santos Brasil. Fonte: <www.viagemeturismo.abril.com.br>, 2016.



FIGURA 27. Orla desativada - Centro. Fonte: Própria, 2019.

RELAÇÃO

▲ Sem escala.

- Atividade Portuária
- Faixa Inativa
- Praia/Recreação



FIGURA 29. Relação da cidade com a orla. Auto. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santo. Base: Google Maps, 2019.

COM A ORLA

FIGURA 28. Canal de Santos. Fonte: Própria, 2019.



LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP

Se destaca que o primeiro trecho de cais e armazéns inaugurados para atividades portuárias no centro histórico da cidade se encontra desfuncionalizado e sem acesso para a população da cidade. Por fim, os principais formas de relação com a água se faz por meio dos canais de drenagem que configuram

eixos estruturantes arborizados; e da praia, localizada na zona leste, que se conecta através dos jardins que se estendem por sete bairros da região e apresenta uma paisagem natural de uso por parte dos moradores locais e pelo turismo balneário intensificado em períodos de veraneio.

TURISMO

Sem escala.

- Turismo Balneário** (represented by a pink circle)
- Turismo Histórico/Patrimonial** (represented by a yellow circle)
- Turismo outros** (represented by a red circle)



FIGURA 30. Canais de Santos. Autoria Própria.
Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2018.
Base: Google Maps, 2019.

FIGURA 31. Pontos turísticos. Autoria Própria.
Fonte: Turismo Santos – Prefeitura Municipal de Santos, 2018.
Base: Google Maps, 2019.



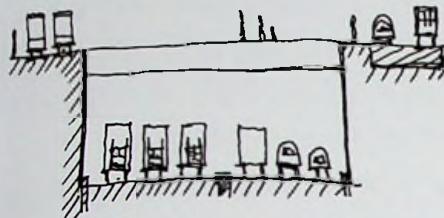


FIGURA 32. Croqui do Projeto Mergulhão. Autoria Própria. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2007.

▲ ESC. 1:45000

- Ciclovia existente
- Ciclovia em construção
- Teleférico (estudo)
- Linha VLT existente
- Linha VLT (2^a fase)
- Eixo estruturante rodovia
- Eixo ativo - Rua Ana Costa
- Eixo ativo - Av. Conselheiro Nébias
- Eixo portuário: viário e férreo
- Eixo Centro - Rua João Pessoa

FIGURA 33. Mobilidade. Autoria Própria. Fonte: SEDURB – Prefeitura Municipal de Santos, 2015.

Em uma cidade de intenso movimento pendular que impacta os sistemas viários e as dinâmicas sociais no tempo gasto com deslocamentos, a questão de mobilidade possui papel fundamental. E, apesar da grande concentração de veículos individuais e motorizados na cidade, o transporte sustentável e público se destaca como responsável por mais da metade das viagens diárias, principalmente por motivos de estudo e trabalho. A bicicleta e seus eixos de ciclovias, configura 8% dos deslocamentos da população santista. E, como prática diária, os percursos realizados a pé somam 37%, demonstrando a importância da qualidade das infraestruturas como calçadas e espaços livres em Santos.

Em relação ao desenvolvimento urbano e transporte público, se vincula a linha de VLT existente na cidade que conecta a cidade de São Vicente e Santos, até seus eixos principais da porção leste. A segunda fase de implantação da linha do VLT, prevê a consolidação do eixo de adensamento sustentável previsto no planejamento da cidade a partir de um conjunto de transformações urbanas e a estruturação de um ponto nodal de transportes na região central, segundo o Plano de Mobilidade (2014).

da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Santos.

Um estudo de viabilidade técnica em 2013, a partir da ideia de intermodalidade no transporte público, previa um teleférico que conectaria os morros a região do centro, em um edificação adjacente ao eixo da rodoviária. O projeto proporcionaria um enquadramento da paisagem natural da cidade, e diminuição do tempo de deslocamento de moradores dos morros a partir de uma infraestrutura de transporte de qualidade, descongestionando o sistema de ônibus, o qual é o principal responsável pelo deslocamento terrestre atual.

O “Mergulhão” também se estabeleceu significativamente na estruturação da mobilidade urbana da cidade relacionado ao processo de revitalização da orla e armazéns desativados da região central. O projeto realizado em 2007 - que atualmente é descartado pelo município devido a inviabilidade econômica - se caracteriza por uma via subterrânea que se estende do trecho da Estação do Valongo até o final da praça Barão do Rio Branco, permitindo uma continuidade da área com a orla a partir da mudança do intenso fluxo de caminhões do perímetro.



A cidade de Santos possui uma dinâmica cultural caracterizada por uma rede de manifestações culturais, socioculturais e equipamentos de apoio instalados, principalmente, nos eixos de adensamentos sustentável e orla – zona leste - e no centro histórico, a partir do patrimônio cultural e suas instalações. Ao longo do território se distribuem os equipamentos como cinemas -de tradição santista- e teatros, museus e igrejas históricas – que em sua maioria, se localizam no centro, e demonstram os diversos estilos arquitetônicos da história da cidade, do colonial ao eclético. E, essas construções, ficam sob responsabilidade do CONDEPASA, que desenvolve a política de preservação do patrimônio cultural da cidade.

O incentivo a cultura também se evidencia a partir de festivais realizados no território. No entanto, uma pesquisa do SESC, segundo o diagnóstico de Santos realizado pela SEDURB, mostrou que 90% das pessoas que frequentam essas atividades são artistas, o que caracteriza uma ausência de comunicação e estímulo para a frequência da sociedade nessas atividades. Um equipamento de destaque e grande frequência nas relações culturais é o Centro cultural Patrícia Galvão, localizado na zona leste

adjacente a zona dos morros, onde se desenvolvem atividades de linguagem e arte que abrangem diferentes faixas etárias da população.

Na cidade, se verifica o estímulo e fortalecimento de políticas públicas culturais e ações populares de cultura atribuídas a pontos de cultura, principalmente em territórios vulneráveis – como a periferia, dentro de um quadro de inclusão social, através de atividades de baixo custo que constroem uma diversidade cultural. Como é o caso do Instituto Arte no Dique, que realiza um trabalho sociocultural, principalmente vinculado à música, em um área carente para diferentes faixas etárias. E, é importante ressaltar que “grande parte das crianças e adolescentes que integram as oficinas de arte, são evadidos; muitos retornaram à escola em função das atividades desempenhadas nessa instituição de educação-não-formal.” (TOLEDO, 2007, p. 90)

No tocante ao sistema educacional, segundo o IBGE (2017), a cidade possui uma taxa de escolaridade - entre 6 e 14 anos - de 98,2%, o que reflete da distribuição do sistema de ensino público nas diferentes regiões da cidade.

No entanto, se evidencia que as universidades se apresentam concentradas ao longo dos corredores de desenvolvimento sustentável e de conexão entre o centro e a orla.

No âmbito nacional, se destaca a qualidade da política de equipamentos públicos estatais, os Centros de Artes e Esporte Unificados (CEUs) conhecidos como “Praças” (2013), que, segundo o Ministério da Cultura (2014), se caracteriza pela integração de atividades socio-culturais, socioassistenciais, de qualificação, recreativas e esportivas instaladas em áreas de vulnerabilidade social. E, nesse mesmo aspecto, é válido ressaltar o CAIS – Centro de Atividades Integradas de Santos, na Vila Mathias, que oferece oficinas artísticas e culturais, além de abrigar o Programa Escola Total, se inserindo nas políticas de inclusão social do município.

CAPÍTULO 2: LEITURAS URBANAS

FIGURA 36. Eixo Viário e Comercial/Serviços: Rua João Pessoa.
Fonte: Própria, 2019.



FIGURA 37. Galpões degradados utilizados por serviços relacionados a atividades portuárias. Fonte: Própria, 2019.

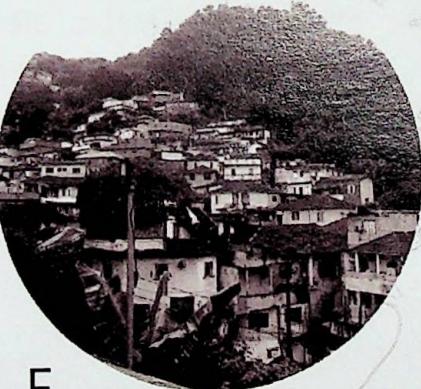
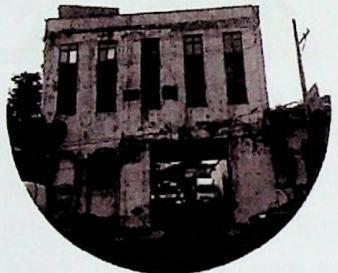


FIGURA 38. Morro Penha adjacente ao Viaduto da Av. Martins Fones/050. Fonte: Própria, 2019.

A N Á L I S E
S E N S Í V E L

FIGURA 41. Edificação subutilizada e degradada do sistema de Bonde Turístico. Fonte: Própria, 2019.



FIGURA 40. Enquadramento da paisagem pelas gruas das atividades portuárias. Fonte: Própria, 2019.



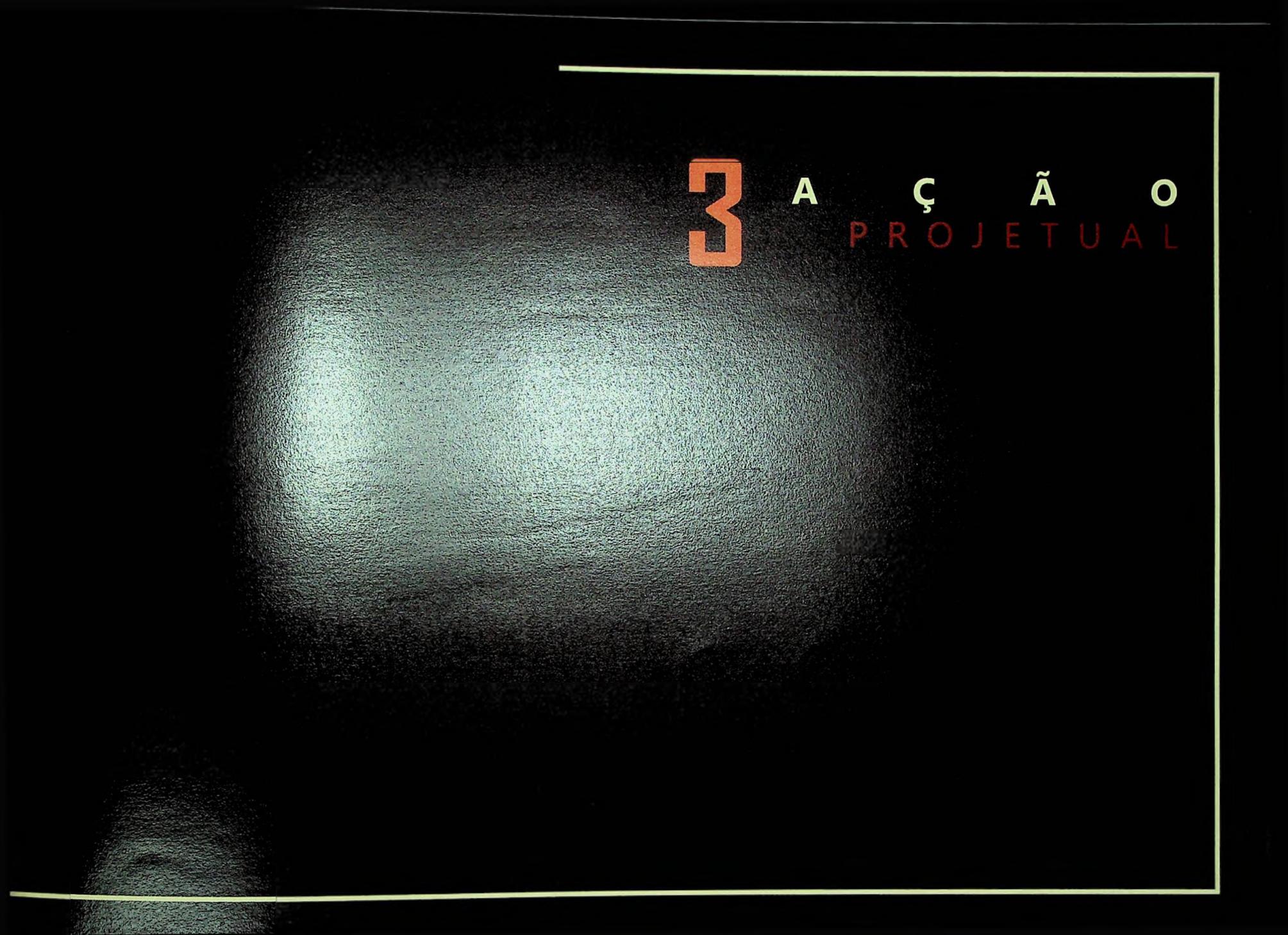
FIGURA 42. Bonde Turístico e Estação Valongo. Fonte: Turismo Santos - Prefeitura Municipal de Santos, 2018.



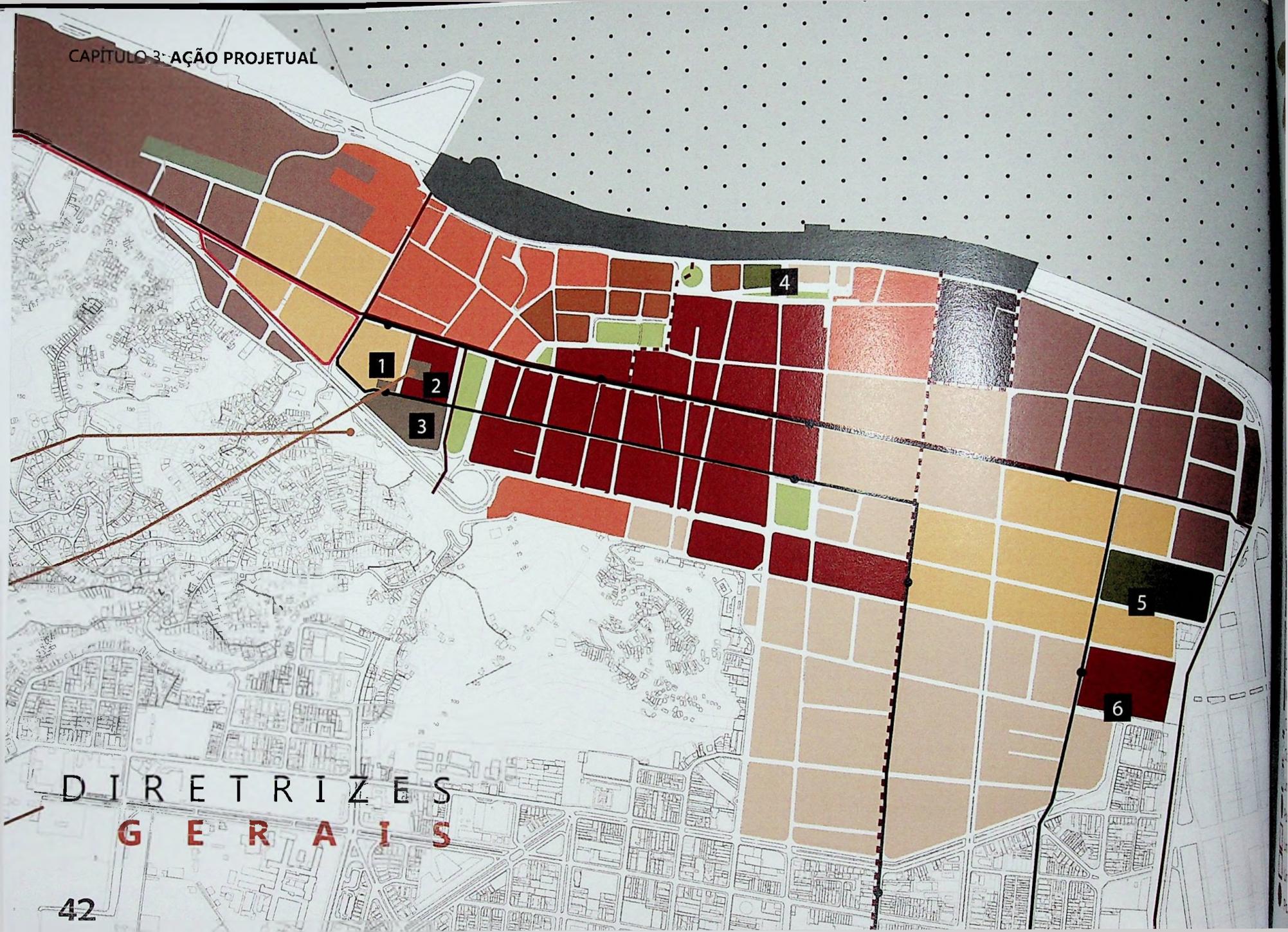
FIGURA 43. Eixo comercial da praia, 2019.

LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP





3 AÇÃO
PROJETUAL



DIRETRIZES
GERAIS



Z O N A S DINÂMICAS

ESC. 1:10000

Praças históricas

Terminal Central VLT (2ª fase)

Terminal Central Teleférico (Estudo)

Terminal Transporte Público e Rodoviário.

Terreno Arborizado Subutilizado

Cemitério

Mercado Municipal

Ciclovia Existente

Ciclovia Proposta

Linha VLT (2ª fase)

Pontos VLT (2ª fase)

Linha Transporte Intermunicipal

Linha Teleférico

Ponto Teleférico (Estudo)

Revitalização da orla através a instalação de um equipamento público de cunho ambiental-cultural, que proporcione a inclusão social a população local, aos bairros adjacentes e a cidade e turismo como um todo. Inserir uma função aos armazéns desativados, mantendo seu simbolismo histórico; desenvolver a extensão da orla através do contato diferenciado com o Rio Pedreiras e estabelecer uma permeabilidade entre os dois lados do equipamento.

Estímulo ao comércio e serviços. E estímulo ao adensamento populacional da área, a partir do uso misto, uma vez que a maior parte das edificações se caracterizam por sobrados ou maior quantidade de pavimentos.

Fomento de atividades culturais e alimentícias no térreo das edificações da área. Além do uso misto, ativando as edificações -em sua maioria - históricas e marcadas, a fim de criar novas dinâmicas às ruas em período integral e aquecer a área para a revitalização da orla. E estímulo a instalação de novos museus.

Adensamento e renovação urbana da área a partir de políticas de Habitação Social e de Mercado Popular -ativando o térreo a partir de atividades comerciais- e se utilizando dos

terrenos das edificações subutilizadas da região, a fim de promover uma nova dinâmica local.

Estímulo a reutilização das edificações desocupadas a atividades de serviços e administrativas portuárias, desencadeando uma maior qualidade estrutural ao porto. E fomentando o serviço hoteleiro para o apoio aos trabalhadores pendulares da área.

Estímulo a ativação do térreo -que se apresenta fechado para si, devido as dinâmicas nos pavimentos superiores das edificações de elevado gabarito-, a partir de atividades comerciais, serviços e ramo alimentício.

Zona de adensamento sustentável, a partir do fomento ao adensamento populacional, instalação de equipamentos públicos e empreendedorismo, a fim de criar empregos e atrair uma nova dinâmica local.

Área destinada a estacionamento de veículos vinulados a atividades portuárias.



DIRETRIZES
GERAIS



ESC. 1:10000

- █ Extensão do novo projeto Mergulhão
- █ Eixo estruturante de atividades do setor terciário
- █ Intensificação do eixo viário: VLT
- █ Vias compartilhadas
- █ Eixo estruturante: Universidades
- Pontos de conexão
- █ Eixos de conexão de Espaços Públicos de Uso Livre
- █ Calçadão
- █ Intensificação do fluxo viário e de pessoas
- █ Equipamentos educacionais
- █ Praças históricas
- █ Eixo de transporte público e privado
- █ Ponto nodal de transporte público
- Marcos visuais
- █ Eixo visual
- 1 Acesso Morro Penha



FIGURA 51. Croqui: eixo mobilidade e integração. Autoria Própria, 2019.



FIGURA 52. Croqui: eixo integração universidades. Autoria Própria, 2019.

REFERÊNCIAS PROJETUAIS

O Parc de la Villette, situado na capital francesa, se insere no contexto da reinterpretação da sensibilidade do pitoresco inglês de uma forma atípica em relação aos parques urbanos da época. Resultado de um concurso para um projeto de parque popular, vencido por Bernard Tschumi, em 1985, o entorno era caracterizado por bairro de trabalhadores e as preexistências, marcadas por edifícios industriais que paralelamente eram cortados por canais. Como o ideal de um parque do século XXI, traduzia a intenção das apropriações e figurações, a partir das sensibilidades do século XX. No entanto, essa reinterpretação da sensibilidade momentânea e global é introduzida de forma acelerada e diante da abstração formal, se utilizando de elementos figurativos que invoquem as múltiplas facetas do caos da metrópole e abriguem os centros culturais do espaço.

A ideia, foi de criar um “não-lugar” em que a liberdade se dá através da apropriação particular de cada indivíduo e como uma extensão da cidade circundante. E a partir desse ideal, surge a questão: é necessário criar um respiro e fuga das dinâmicas diárias e recentes das cidades, ou aceitar esses elementos como parte do ser humano e remetê-los em diferentes experiências ao longo dos parques e da natureza apropriada?

Parc de la Villette



FIGURA 53. Parc de la Villette, 1985.
Fonte: <www.archdaily.com.br>.

O projeto do Brooklyn Bridge Park (2005-2010) se insere no contexto da cidade de New York nos anos de 1960, no qual, se consolidou um novo parâmetro de demanda social e políticas públicas que coordenaram as transformações urbanas e criação de planos e projetos estratégicos a fim de produzir uma infraestrutura e serviços direcionados a qualidade de vida da população, especialmente em locais obsoletos que eram marcantes na produção urbano-industrial do século XX (ZANETTI, 2005). Ressalta-se que, esse modelo de renovação tinha como base uma eficiência capitalista na qual ocorre a participação de investimentos privados somados ao público, em que o projeto deve ser auto suficiente a longo prazo. A intenção era revitalizar áreas que se tornaram de domínio público procurando promover uma arquitetura e paisagismo que simbolizavam uma qualidade de espaço urbano, recuperando elementos históricos, sociais e ecológicos. (VAZ E SILVEIRA, 1993).

Brooklyn Bridge Park

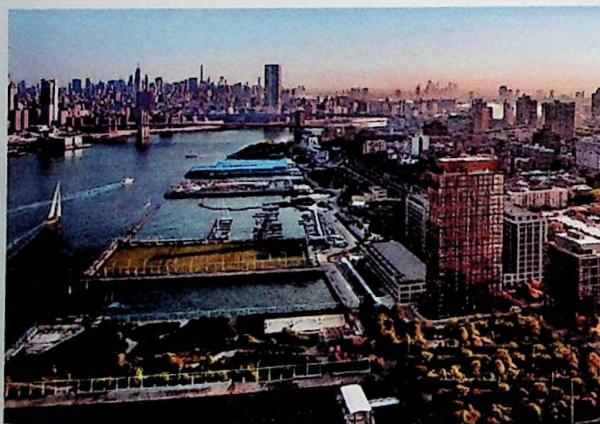


FIGURA 54. Brooklyn Bridge Park, 2010.
Fonte: <www.archdaily.com.br>.

O projeto realizado por Michael Van Valkenburgh Associates por meio de financiamento estadual e municipal, teve como requisito a autossuficiência econômica em relação à manutenção e operação a longo prazo. Formado por cerca de 85 acres ao longo da borda do East River o parque se estende desde o norte da ponte de Manhattan até a Atlantic Avenue ao sul. E ao longo do mesmo, pequenos parques de bairro se tornam um meio de conexão com a cidade, se estabelecendo como um convite à população adjacente. É formado por 6 Piers, engloba propriedades históricas e oferece ambientes para diversas atividades.

O projeto do parque tem como uma de suas prioridades a sustentabilidade, impulsionada pelo conceito de "economia estrutural" que engloba um programa de criação de sistemas como o uso de materiais de recuperação, como pilares, e reciclagem de águas pluviais. Também conta com obras de contenção dos níveis do oceano, servindo de proteção para a costa, além de dar aos usuários diferentes experiências de contato com a água.

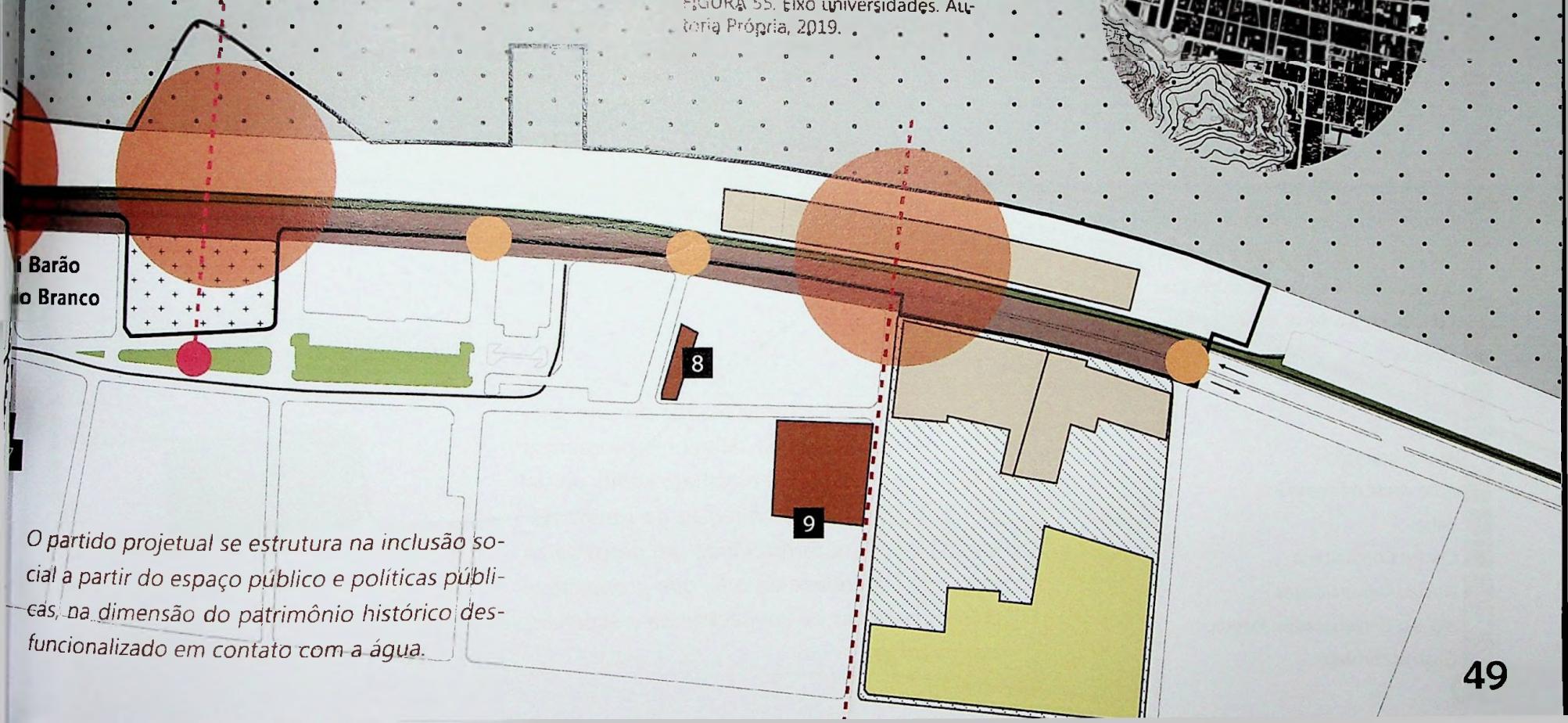
- Ponto nodal de transporte público e privado
- Entrada Morro Peixe e Nodal de transporte público
- Conexão: percurso histórico
- Eixo atividade setor terciário
- Acessos Principais
- Acessos Secundários
- Eixo dos córregos canalizados
- Delimitação da área de projeto
- Preexistências
- Mergulhão
- Espaços Livres de Uso Público
- Edificação Bonde Turístico e terreno subutilizado
- Terreno arborizado subutilizado
- Espaço livre (NIDE)
- Equipamentos históricos-culturais
- Habitação de Interesse Social
- Eixo universidades
- Eixo via espaço livre
- Eixo Visual Morro
- Eixo Memorial Praças
- Linha Férrea

- 1 Santuário de Santo Antônio do Valongo
- 2 Estação do Valongo / Secretaria de Turismo
- 3 Museu Pelé
- 4 Casa da Frontaria Azulejada
- 5 Museu do Café
- 6 Pantheon dos Andradas
- 7 Conjunto do Carmo (Igrejas)
- 8 Casa do Trem Bélico
- 9 Outeiro de Santa Catarina (marco da fundação de Santos)

RIO PEDREIRA

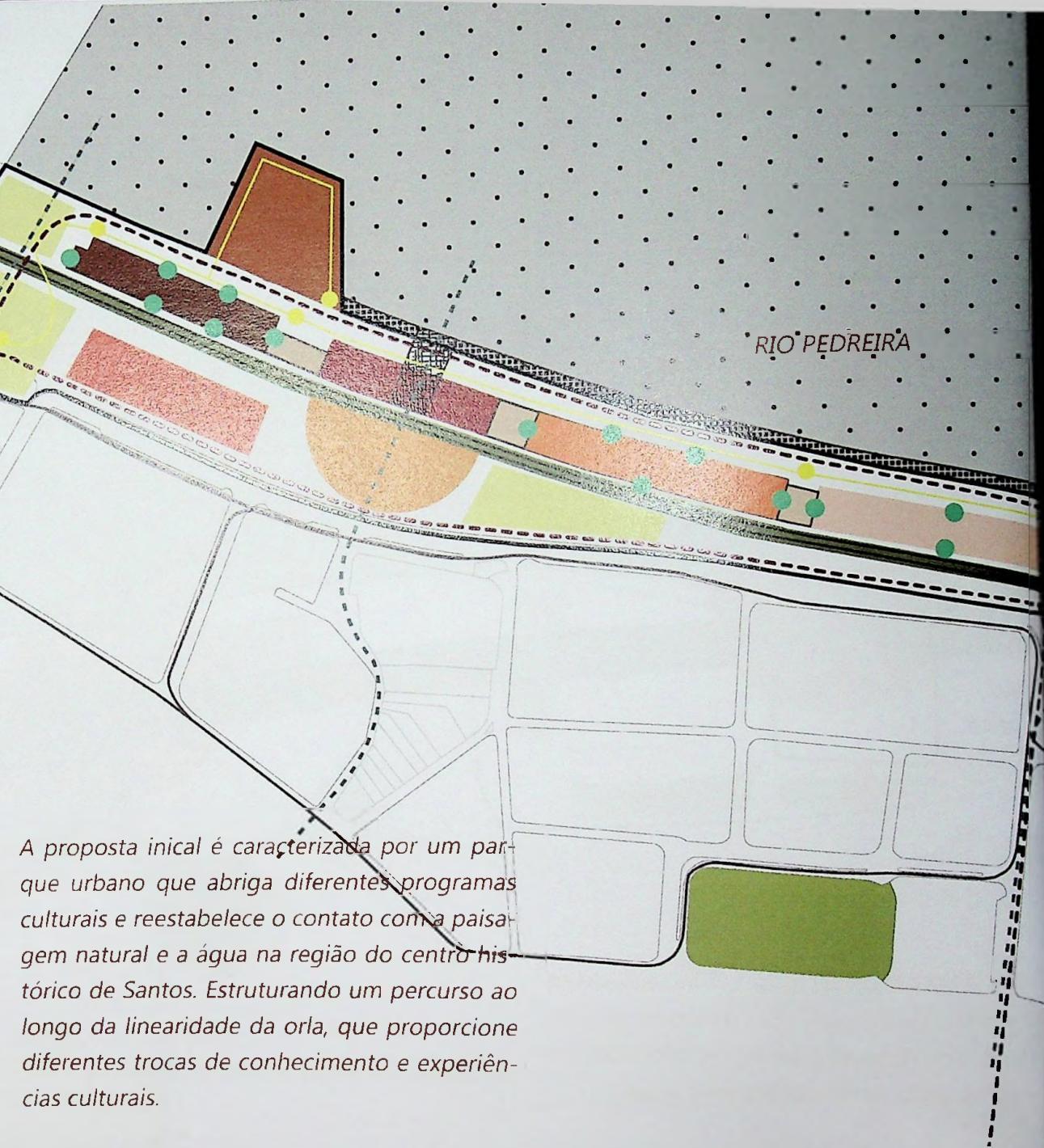
Praça Visconde
de Maua

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



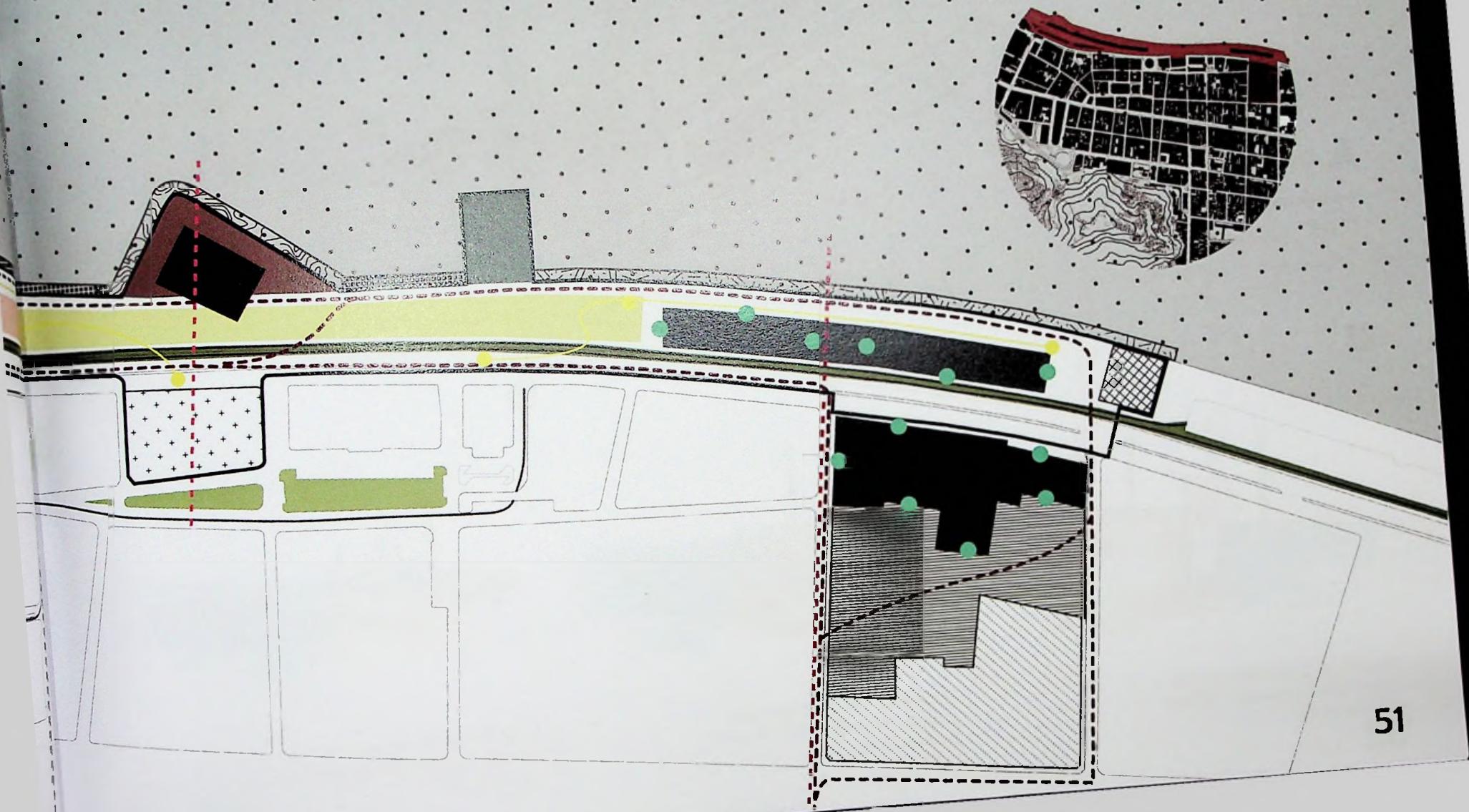
CAPÍTULO 3: AÇÃO PROJETUAL

- Área Pública de Uso Livre - Praças Históricas
- Acesso aos Edifícios Preexistentes
- Acesso a Marquise
- Delimitação do Parque Cultural
- Linha do Bonde Turístico
- Linha Férrea
- Ciclovia
- Museu do Bonde Histórico
- Pontos de permeabilidade e conexão
- Percurso contemplativo
- Área poliesportiva
- Praça Cívica
- Área Piscinas
- Centro Cultural
- Pavilhão Expositivo
- Centro Cultural/Restaurante
- Contato com a água: Visibilidade ao córrego
- Contato com a água: Cais e Passarela
- Contato com a água: Natural/Pedras
- Contato com a água: Arquibancada
- Cinema
- Farol
- Cineteatro
- Aterro gramado
- Área verde de conexão
- Balsa
- Centro Comunitário
- Núcleo Universidades
- Núcleo Universidades: Externo
- Guarda Portuária



LINHARETAÇÃO PÚBLICO-ROBANÔBORES CATELÉDA VAIADADE ENOCENTRO HISTÓRICO DE SANTOS/SP

PROJETO IMPLEMENTAÇÃO



▲ ESC. 1:3000

→ Fluxos e Conexões
➡ Relações com a água

1

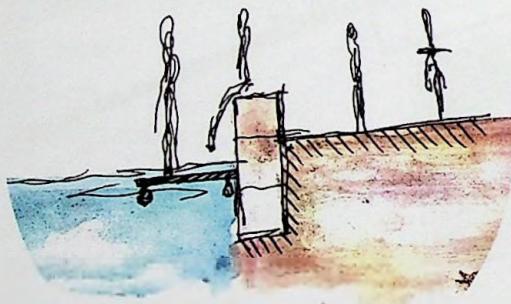


FIGURA 56. Corte: relação com a água - cais e passarela. Autoria própria, 2019.

2

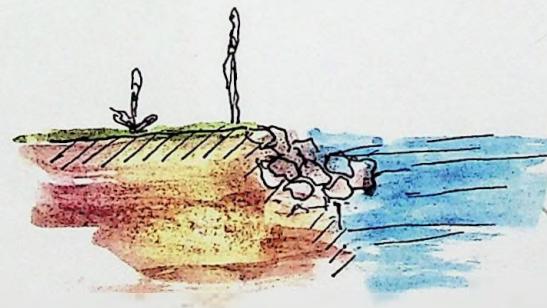


FIGURA 57. Corte: relação com a água - natural (aterro). Autoria própria, 2019.

3



FIGURA 58. Corte: relação com a água - arquibancada. Autoria própria, 2019.

PROJETO
DIAGRAMA



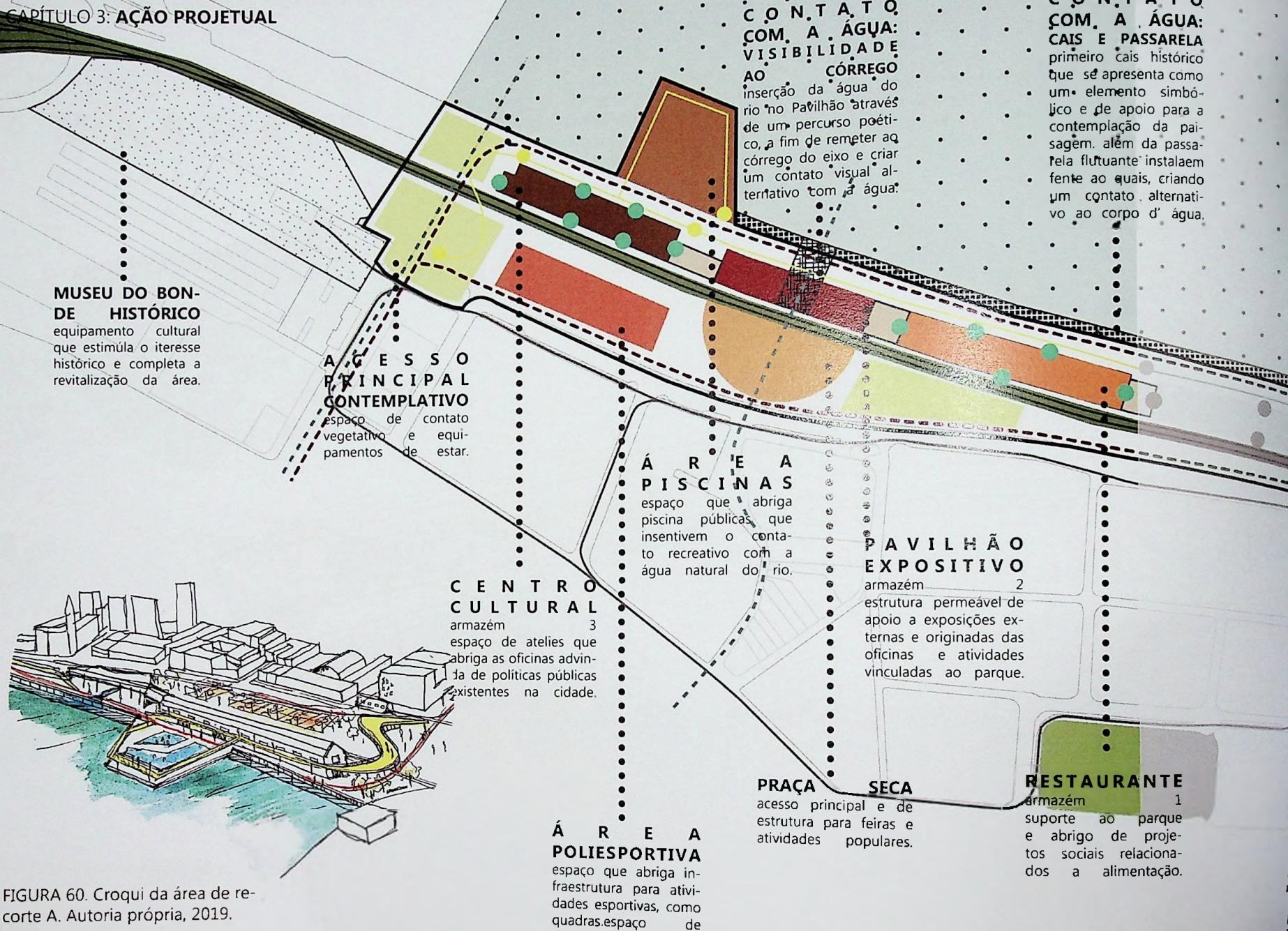
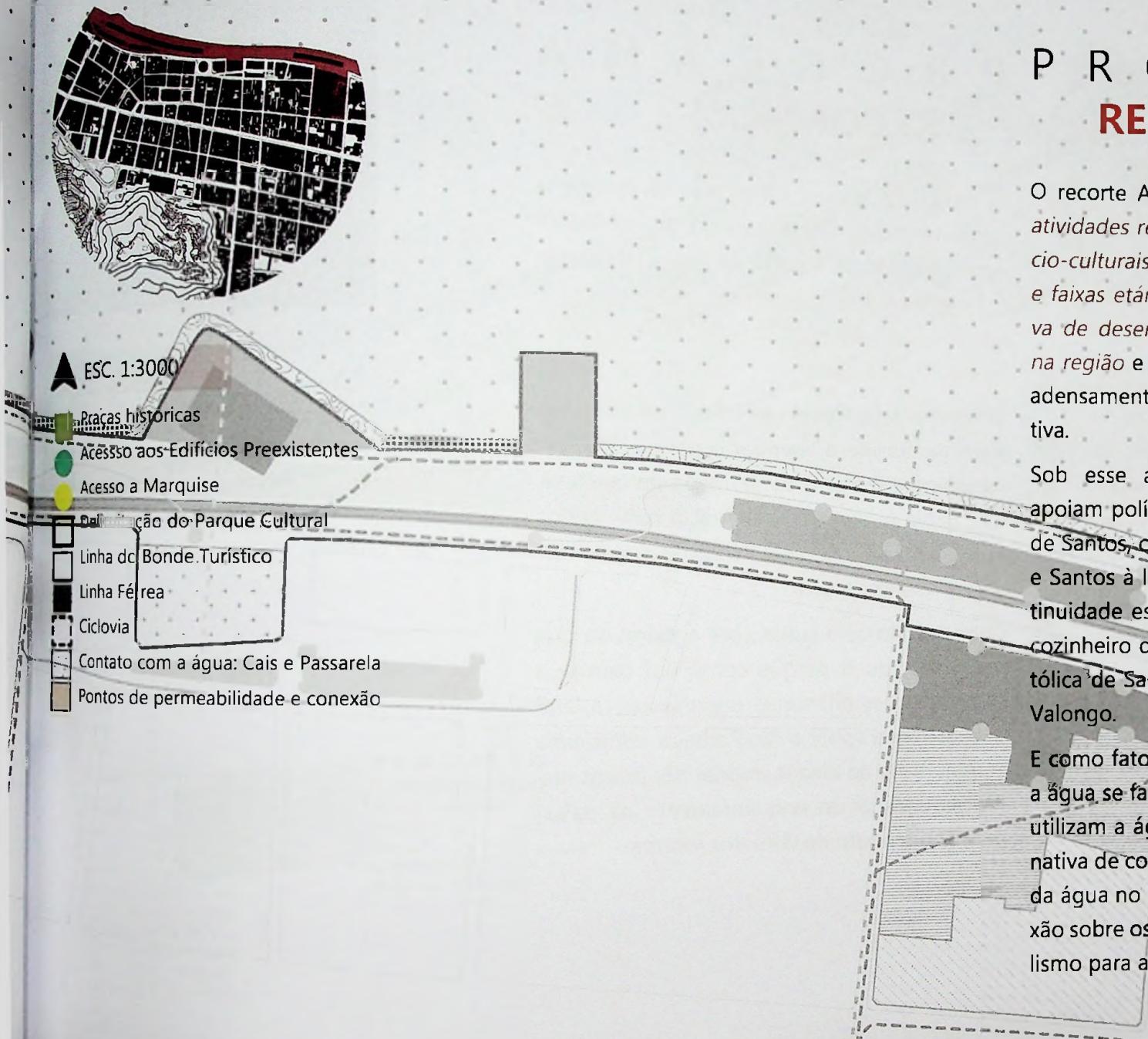


FIGURA 60. Croqui da área de rencorte A. Autoria própria, 2019.



PROGRAMA RECORTE A

O recorte A se apresenta como o núcleo de atividades relacionadas a políticas públicas socio-culturais que abrangem diferentes camadas e faixas etárias da população sob a perspectiva de desenvolver uma maior inclusão social na região e promover espaços que acolham o adensamento populacional de maneira qualitativa.

Sob esse aspecto, as diferentes estruturas apoiam políticas culturais presentes na cidade de Santos, como a Vila do Teatro, Projeto Guri, e Santos à luz da leitura. Assim como da continuidade espacial para o projeto de aprendiz cozinheiro desenvolvida pela Universidade Católica de Santos no restaurante da Estação do Valongo.

E como fator primordial, o contato direto com a água se faz por meio de piscinas artificiais que utilizam a água do rio, criando uma orla alternativa de contato com a água. Além da entrada da água no Pavilhão, estabelecendo uma reflexão sobre os córregos canalizados e seu simbolismo para a história da cidade.

PROGRAMA RECORTE

O recorte B da área de projeto se apresenta como uma alternativa ao eixo de atividades econômicas local. A partir de *estruturas de caminhabilidade e contemplação*, ressaltando uma conexão com a paisagem natural e retendo às dinâmicas urbanas.

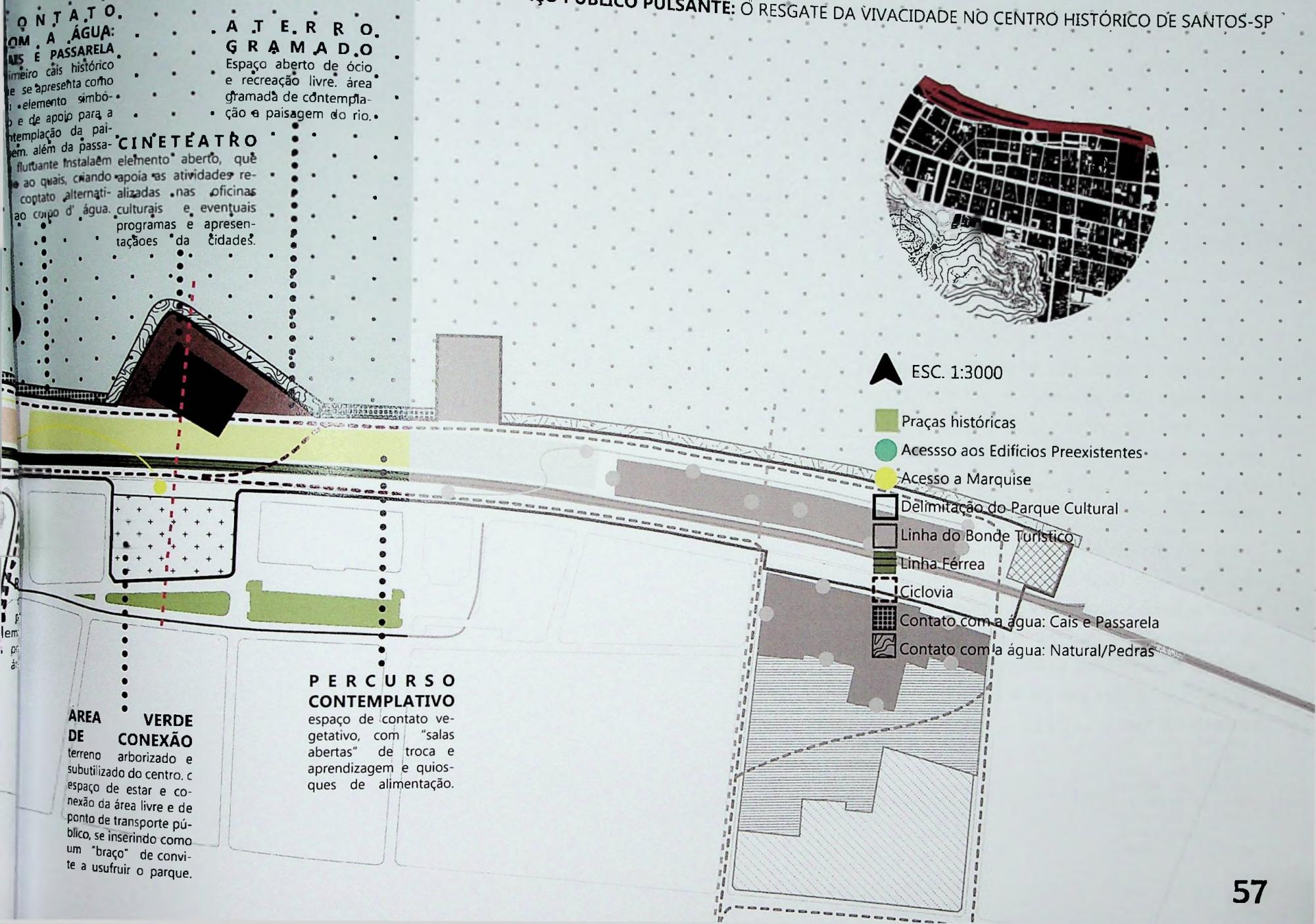
O terreno subutilizado se insere como um espaço de convite a adentrar o parque, dando para o aterro de gramado de uso livre, que apoia o cineteatro aberto, o qual, abriga atividades culturais, assim como o cinema instalado no armazém 4.

O trecho também conta com a marquise que percorre todo o parque como um convite a descobrir suas diferentes experiências; o farol que se instala sobre o Rio Pedreira, como uma continuidade ao eixo memorial das praças históricas e visual do enquadramento da paisagem sob o ponto de vista dos morros.

C. I. N. E. M.
armazém 4
edificação de suporte
a um cinema popular,
se inserindo como um
estímulo a ativar um flu-
xo noturno no parque.

F. A.
elementos
visual
marco
tendenciais

ESPAÇO PÚBLICO PULSANTE: O RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



PROGRAMA RECORTE

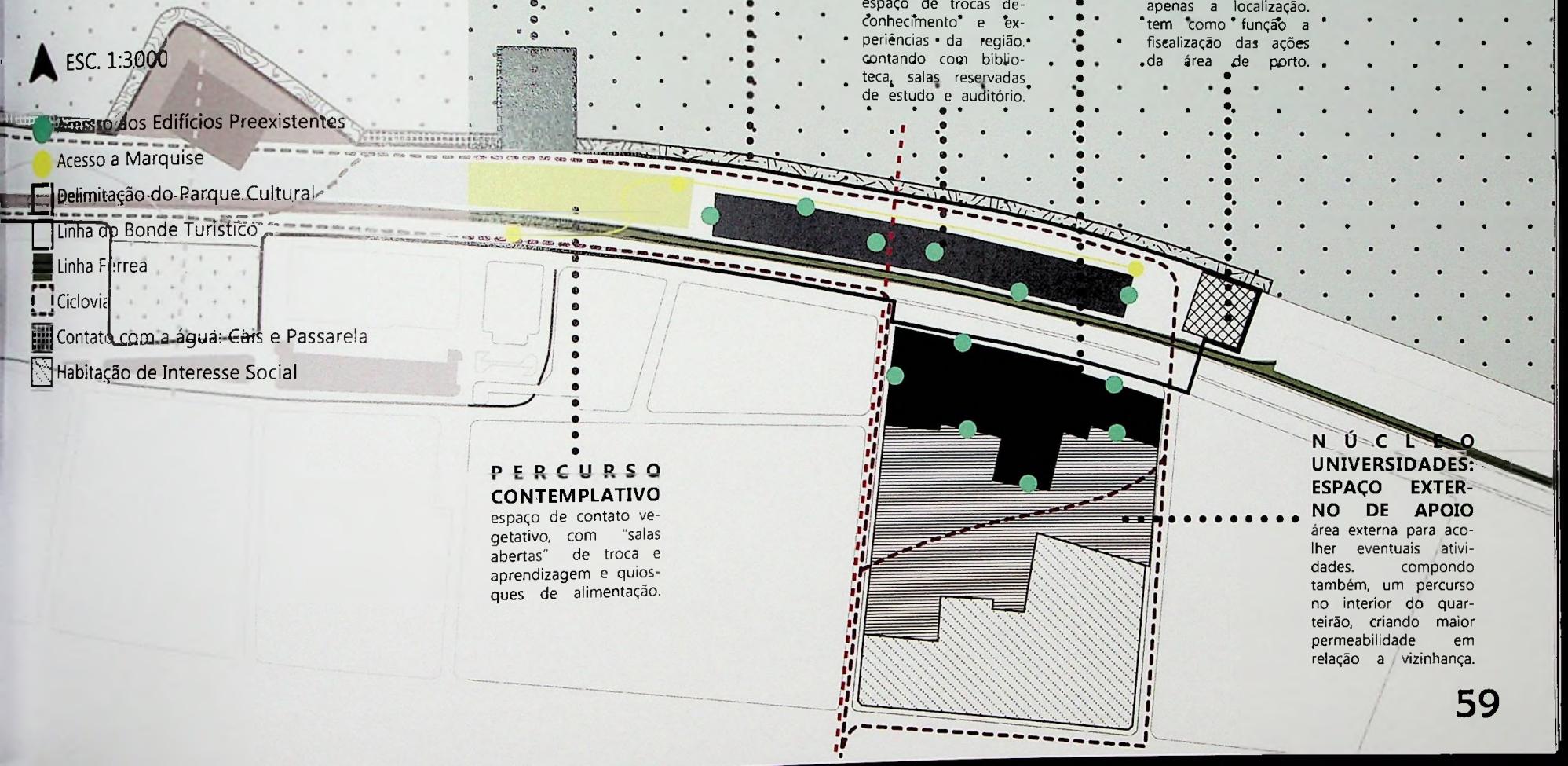
O recorte C da área de projeto se estrutura a partir das relações da *sociedade, sistema educacional universitário e troca de conhecimento e experiências.*

A questão projetual se baseia na concepção de que para a construção de um diálogo entre a população local, é necessário um espaço de apoio e encontro, refletindo um sentimento de pertencimento e acolhimento, desenvolvendo uma perspectiva maior das relações sociais e intelectuais.

E o apoio das Universidades, enfatizado pelo eixo de localidade, se insere sob o contexto de capacitação da sociedade, instruindo a população a partir de conhecimento e atividades que auxiliem em questões práticas, necessárias e, por vezes, ausentes por parte de políticas públicas da cidade.



ESC. 1:3000

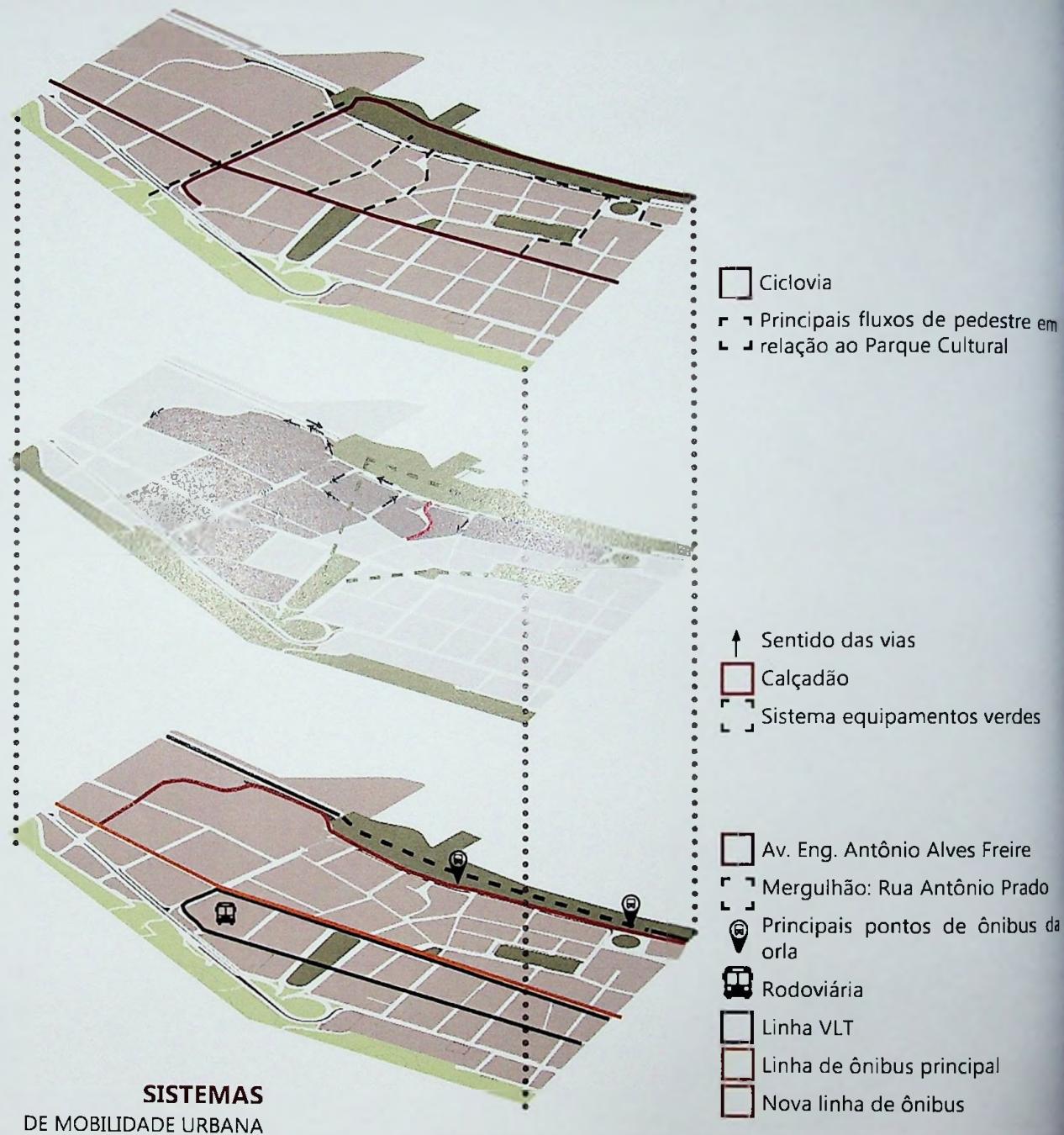




4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

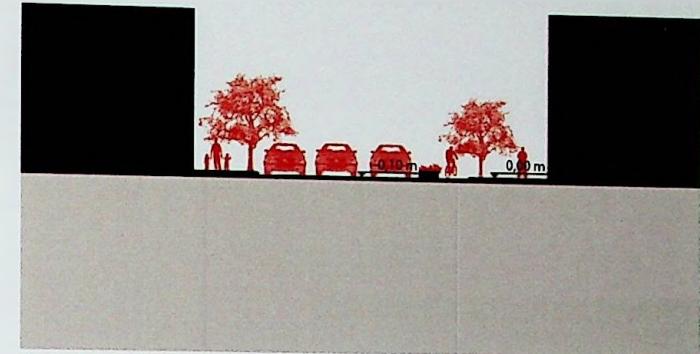
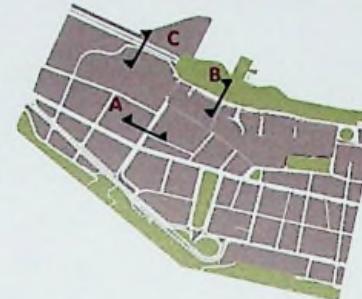
RECORTE A SISTEMAS

Umas das principais premissas das ações projetuais está na localização-chave da linha d' água em relação aos pontos de maior precariedade de infraestrutura urbana e equipamentos públicos da cidade e na proximidade com a rodoviária Santista, que se apresenta como ponto de integração dos diversos fluxos das cidades da Baixada. Sendo assim, a base urbana para a inserção do projeto está vinculada ao conceito de transporte público sustentável e integrado. Portanto, fundamentalmente, foram elaboradas alterações necessárias no viário da região para o incentivo de fluxos e acessos ao recorte A do complexo cultural-esportivo. No tocante ao Pedestre, se priorizam, em geral, a arborização e alargamento de calçadas onde se faz possível, assim como inserção de lombofaixas, atendendo uma cautela em relação a eixos de intenso fluxo de pessoas. A respeito da mobilidade de ciclistas, houve a extensão do sistema de ciclovias existente na cidade para dentro do parque, onde se faz presente pontos de empréstimo e estacionamento de bicicletas.

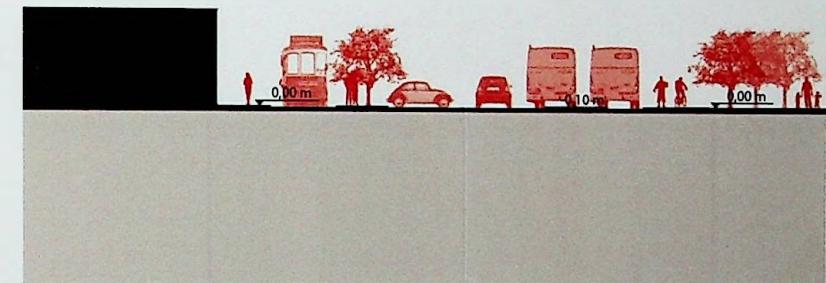


Para tanto, os três eixos apresentados a seguir estão diretamente ligados com a inserção do parque na linha d' água do centro histórico. Eixo 1: A efetivação da proposta do "Mergulhão" que conecta a entrada da cidade com a extensão da orla através de uma estrutura subterrânea, se evidenciando, também, a alteração do nível da linha férrea junto ao mergulhão. Eixo 2: A Rua São Bento que se torna um importante eixo de conexão entre as comunidades adjacentes, a rodoviária, o centro de comércio e serviços e o parque, através do prolongamento das calçadas (para o fluxo de pedestres e atividades comerciais), arborização ao longo de toda a calçada direita - a fim de proporcionar uma melhor qualidade de caminhada para a população -, continuidade do sistema de ciclovia e eixos verdes de drenagem urbana que delimitam o espaço do ciclista e dos veículos. Eixo 3: A Rua Tuiuti, a qual foi alargada e alterada para alcançar a delimitação do equipamento e proporcionar uma maior fluidez para o fluxo viário que existe e o que irá se instalar. Também ocorreu a delimitação de uma faixa de ônibus exclusiva, e faixa de estacionamento para o ponto de ônibus inserido, como também para ônibus externos que se direcionam ao parque. Paralelo a essas faixas, se inseriu duas faixas mistas e estacionamentos que convergem para uma nova calçada que delimita a linha do bonde histórico

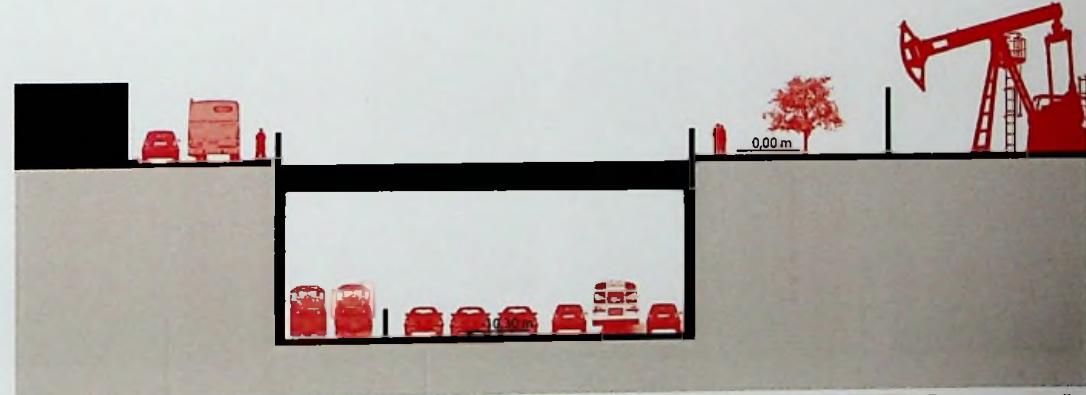
LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



CORTE A: RUA SÃO BENTO
ESC. 1:400



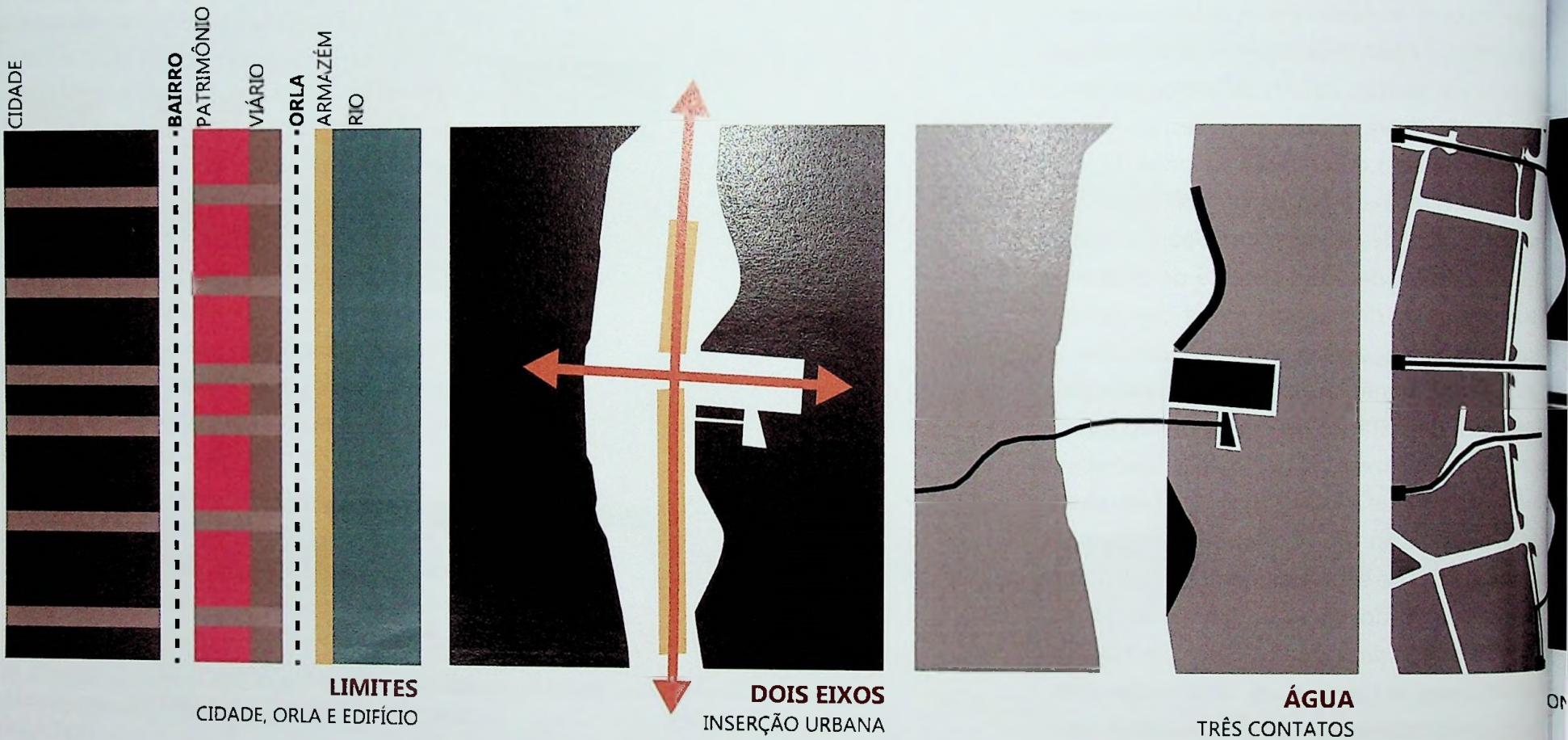
CORTE B: RUA TUIUTI
ESC. 1:400



CORTE C: MERGULHÃO
ESC. 1:400

RECORTE P A R T I D O A

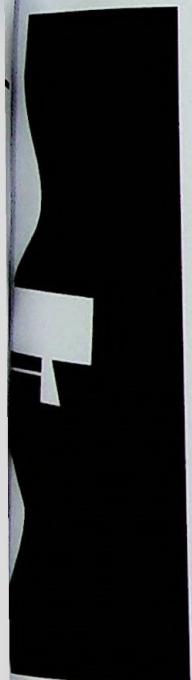
DOIS EIXOS
TRÊS MOMENTOS
UMA NARRATIVA



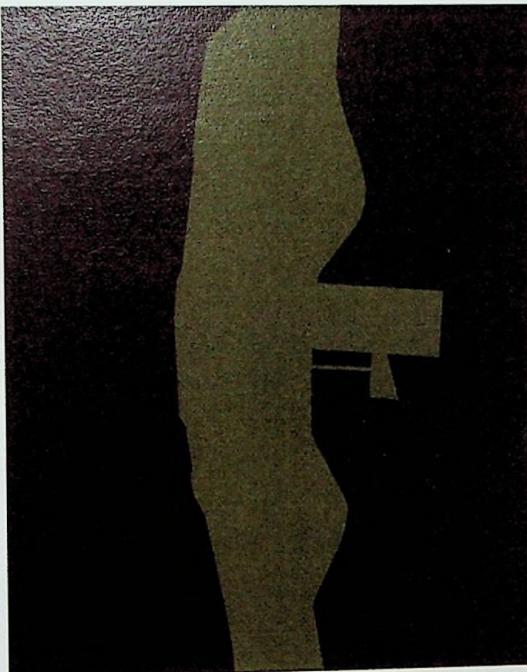
A escolha da região da proposta projetual em Santos se justifica não só pela tentativa de alterar a dinâmica de um centro histórico esvaziado, mas também pela a preocupação com a discrepância de atenção e investimentos em relação às diferentes áreas da cidade, como no caso da linha d' água do mar e do rio, que se encontram em limites opostos do município.

A borda inicial do centro histórico é marcada por armazéns desativados e situa-se paralelamente ao rio Pedreira, o qual embora seja utilizado para a navegação portuária, não tem o seu potencial devidamente otimizado e aproveitado. Ademais, os armazéns, os eixos viários a eles adjacentes e as edificações de patrimônio histórico-cultural ociosas do centro

se manifestam como barreiras físicas e visuais em face das relações porto-cidade e de experiências vinculadas ao corpo d' agua. A partir dessa grade de limitações o partido do projeto se estabelece na modificação das dinâmicas da região e, para tanto, o parque cultural se insere como elemento-chave nesse sistema de integração social, cultura e econômica. A concepção deste instrumento comunitário se embasa em dois armazéns pré-existentes no local, cujas estruturas e características a eles referentes – principalmente os trechos de permeabilidade em relação à orla – evidenciaram dois eixos perpendiculares que direcionaram a concepção inicial do projeto. Nessa linha, analisando as dinâmicas e os eixos viários ao redor, convergentes ao local, foi possível identificar as áreas de inserção dos principais acessos ao parque cultural. Juntamente com citados elementos foram criadas três diferentes experiências de contato com a água que resultaram na subdivisão do parque em três momentos distintos correlacionados ao programa instituído. A integração desses momentos cria uma narrativa de um equipamento multifuncional, com viés ambiental, cultural, educacional e contemplativo.

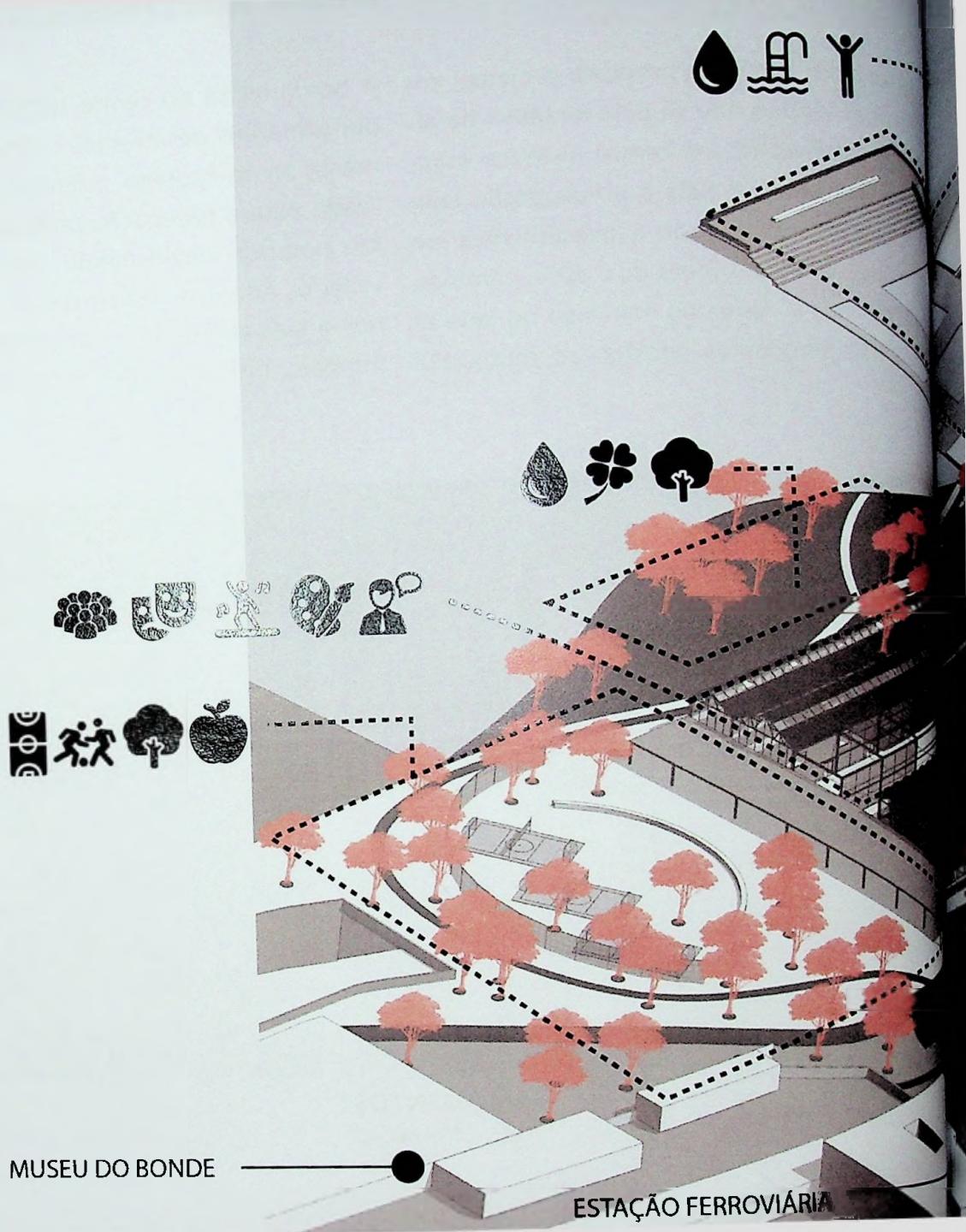


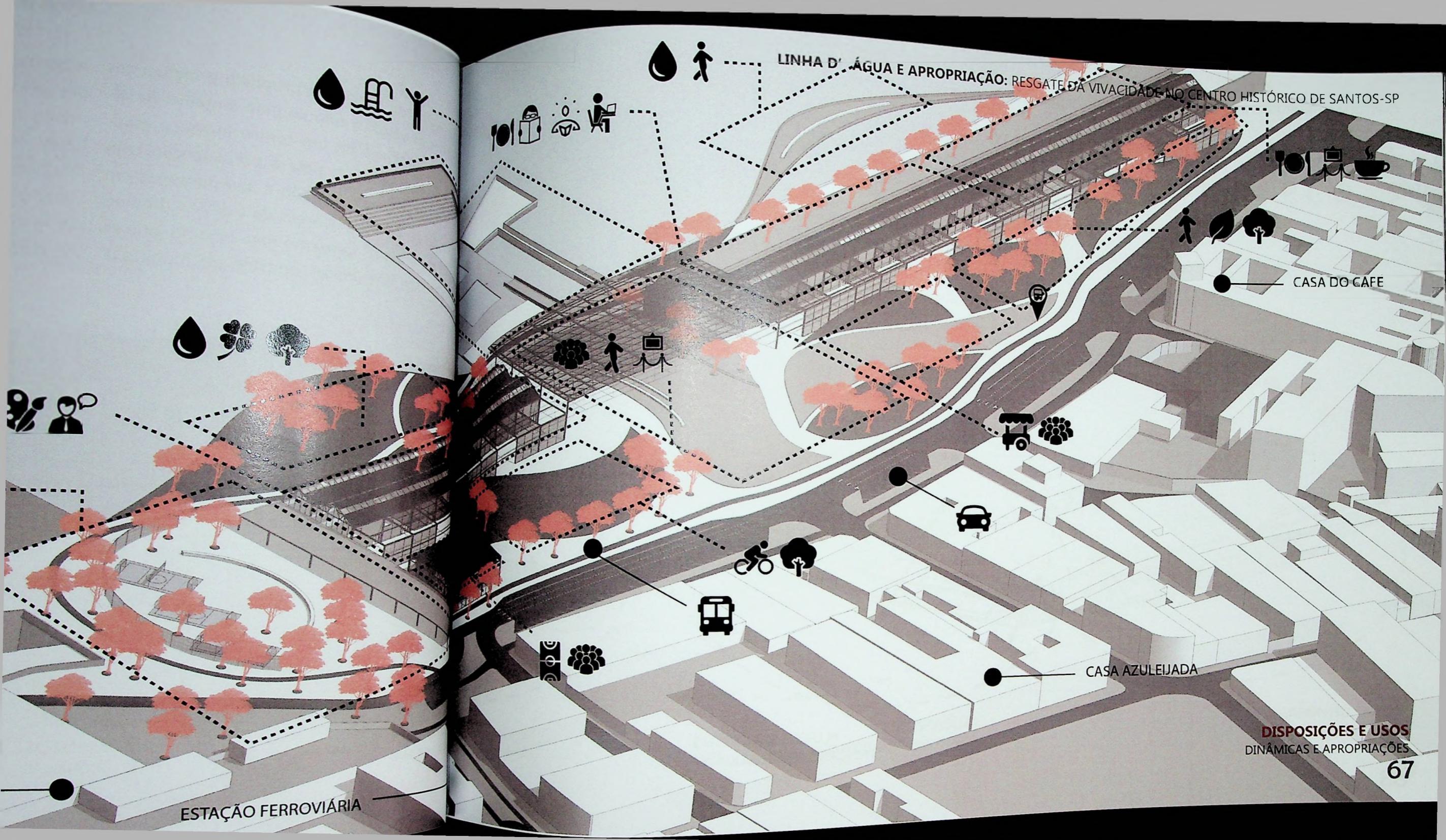
MOMENTOS
TRÊS DINÂMICAS



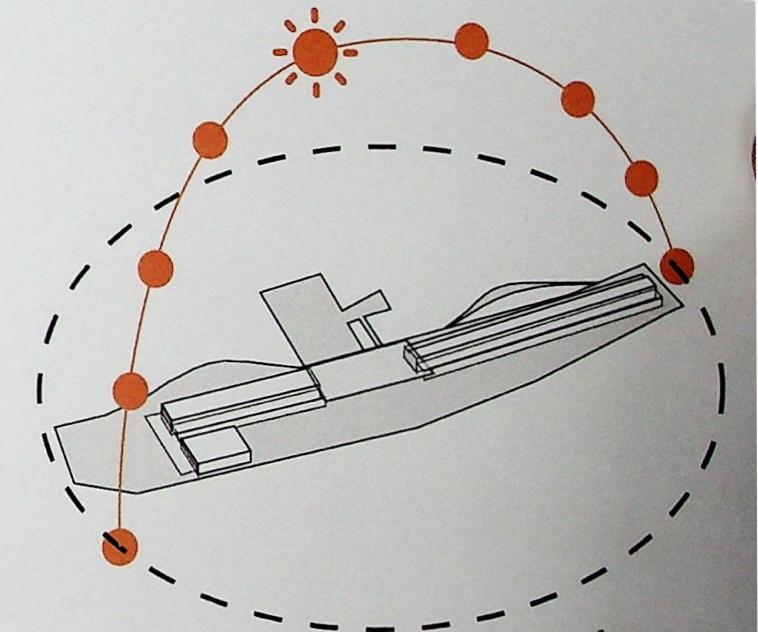
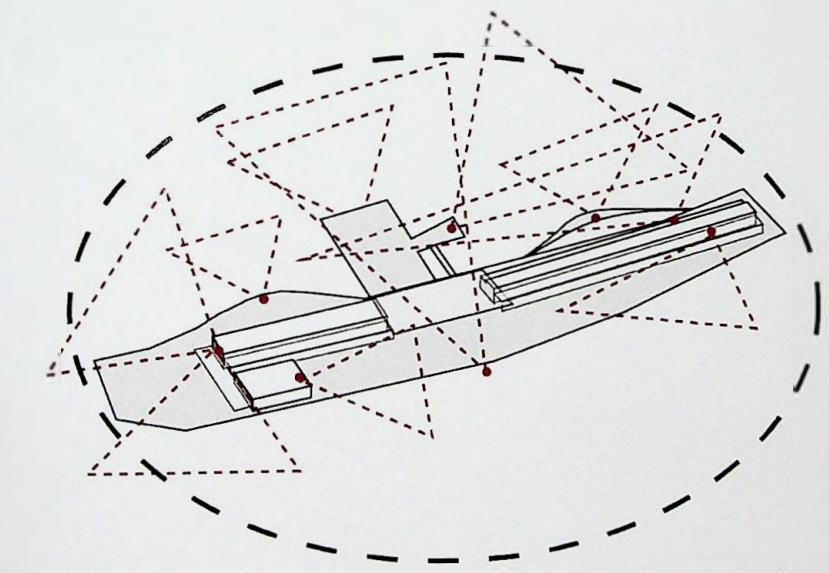
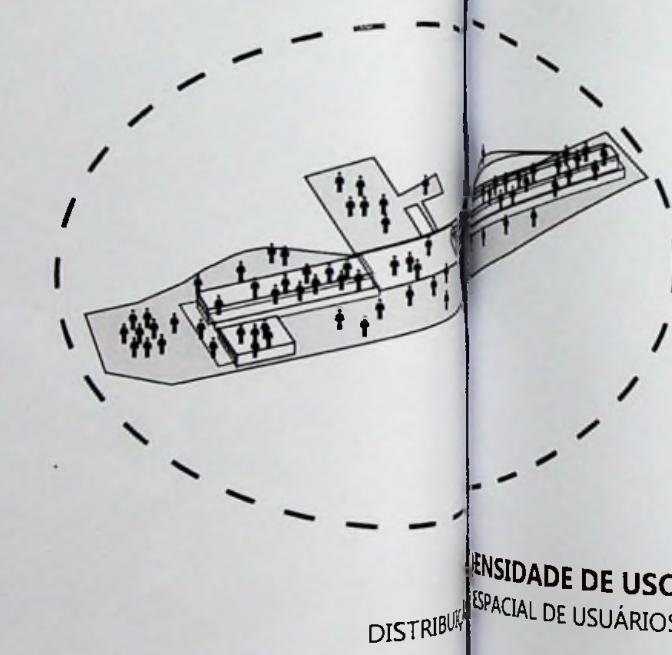
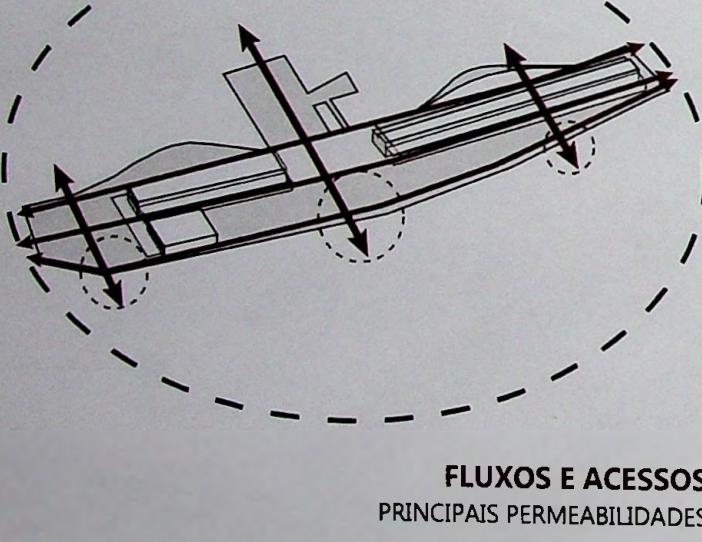
CONJUNTO
UMA NARRATIVA

RECORTE A P R O P O S T A





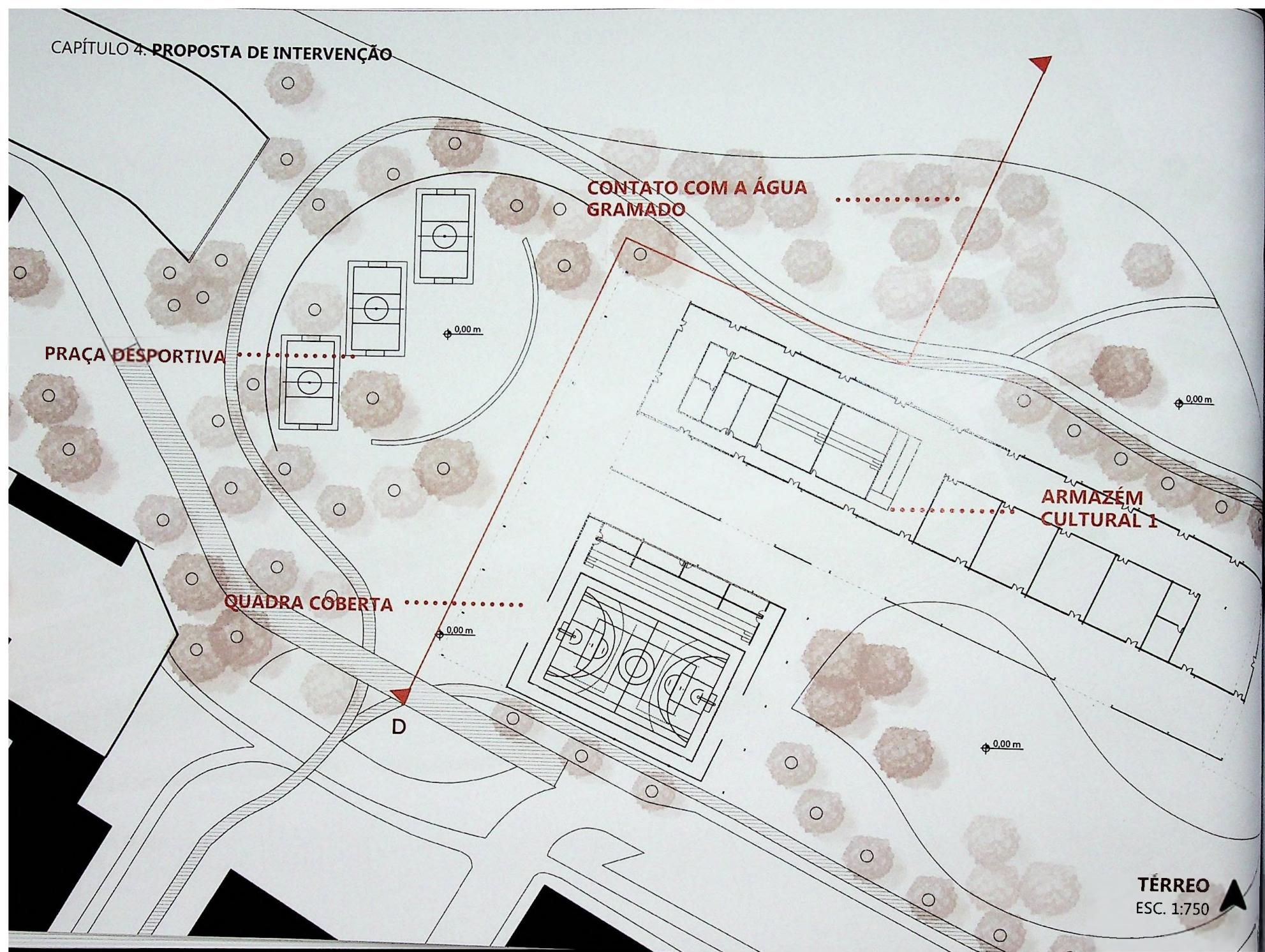
RECORTE A CONCEPÇÕES



CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO



MOMENTO

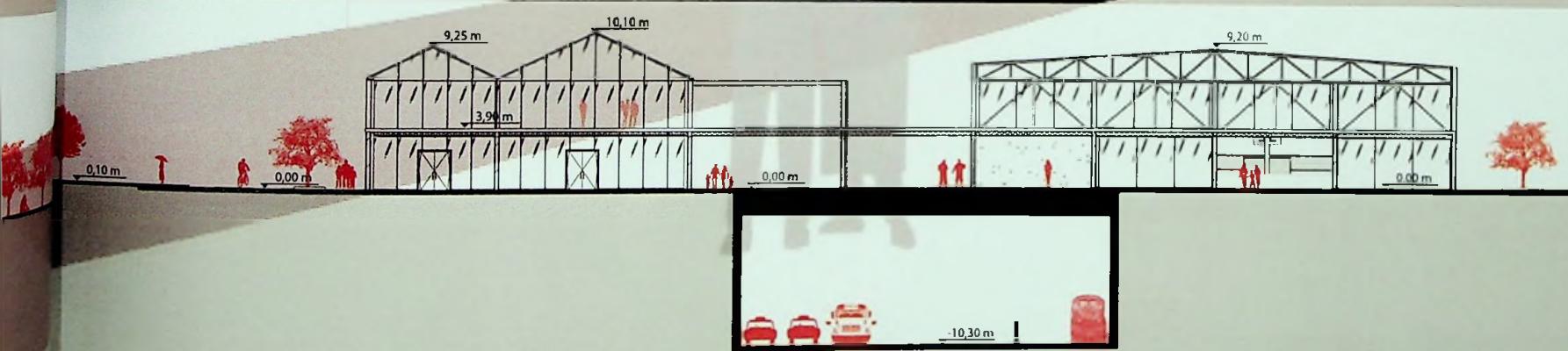
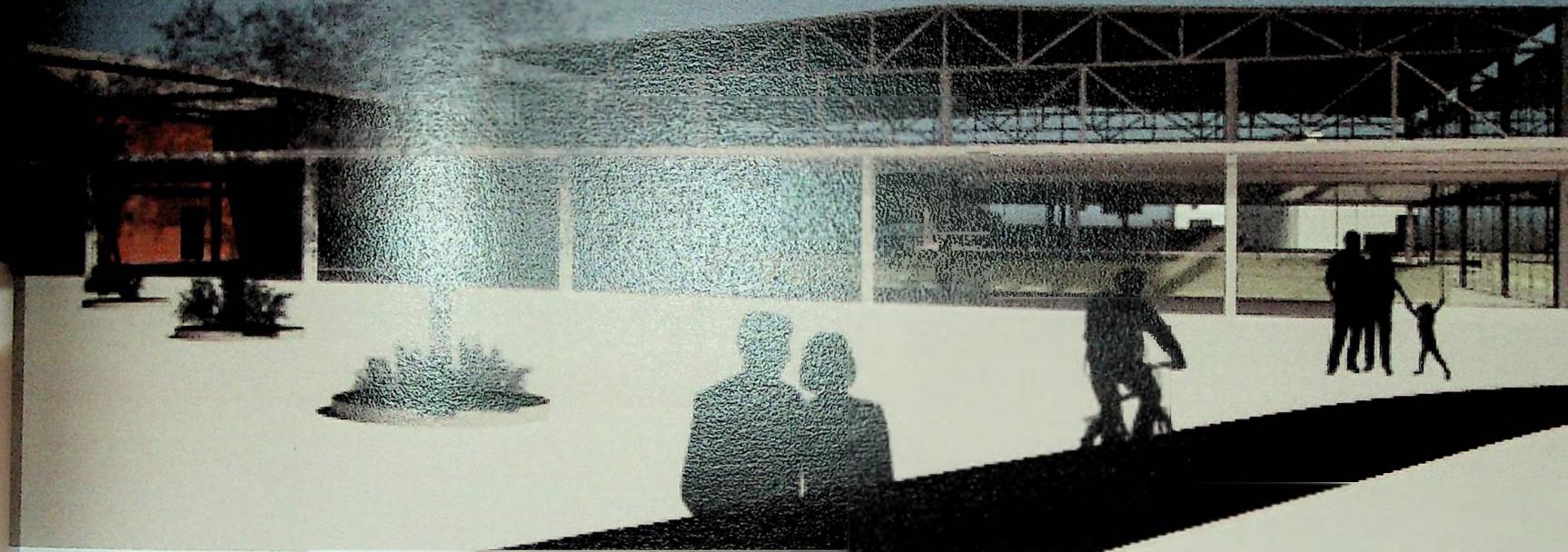
1

O primeiro momento é marcado por ser um espaço com os principais elementos que contornam o terreno de intervenção: a estação ferroviária, que conta com um departamento de patrimônio da Prefeitura de Santos; o museu do Pelé, em um edifício recentemente reformado que manteve as características arquitetônicas históricas do local; e as atividades portuárias.

É importante ressaltar que nesse momento o programa do parque cultural é direcionado para atividades que atraiam uma faixa etária de crianças e jovens adolescentes na perspectiva de proporcionar mediante uma infraestrutura de qualidade um local para atividades físicas, oficinas culturais e espaço livre para diversas apropriações que possam eventualmente ocorrer. A intenção é que o local sirva de convite para a população jovem das comunidades adjacentes.

Por fim, o primeiro contato com a água se faz por meio de gramado e arborização contemplativos, que se caracterizam pela relação visual direta do equipamento com as atividades do porto, principalmente a navegação marítima.

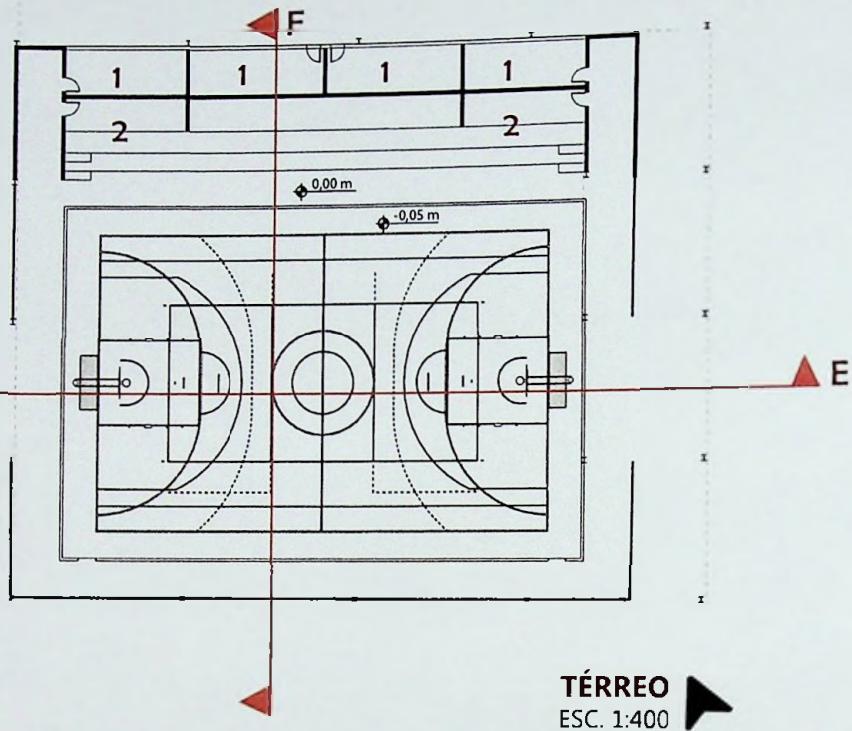




CORTE D
ESC. 1:400

CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

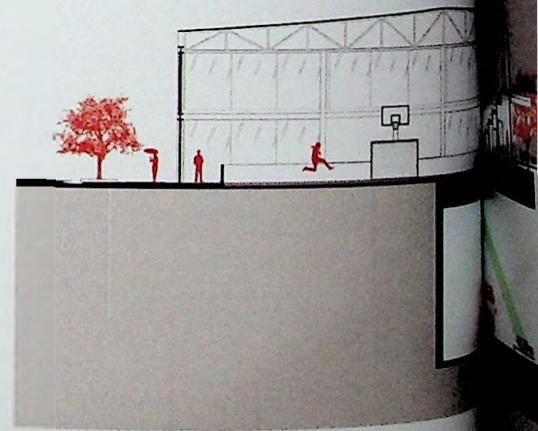
- 1** Banheiros
- 2** Depósito



TÉRREO
ESC. 1:400



CORTE E
ESC. 1:400



ABERTA

MOMENTO

PRAÇA

DESPORTIVA

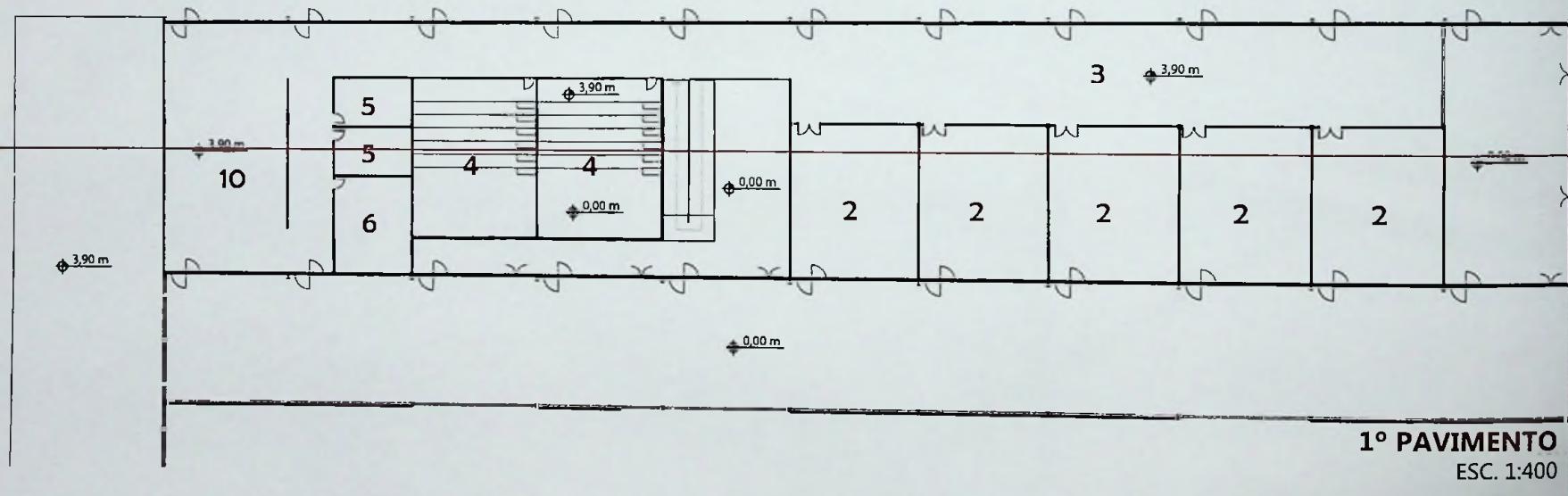
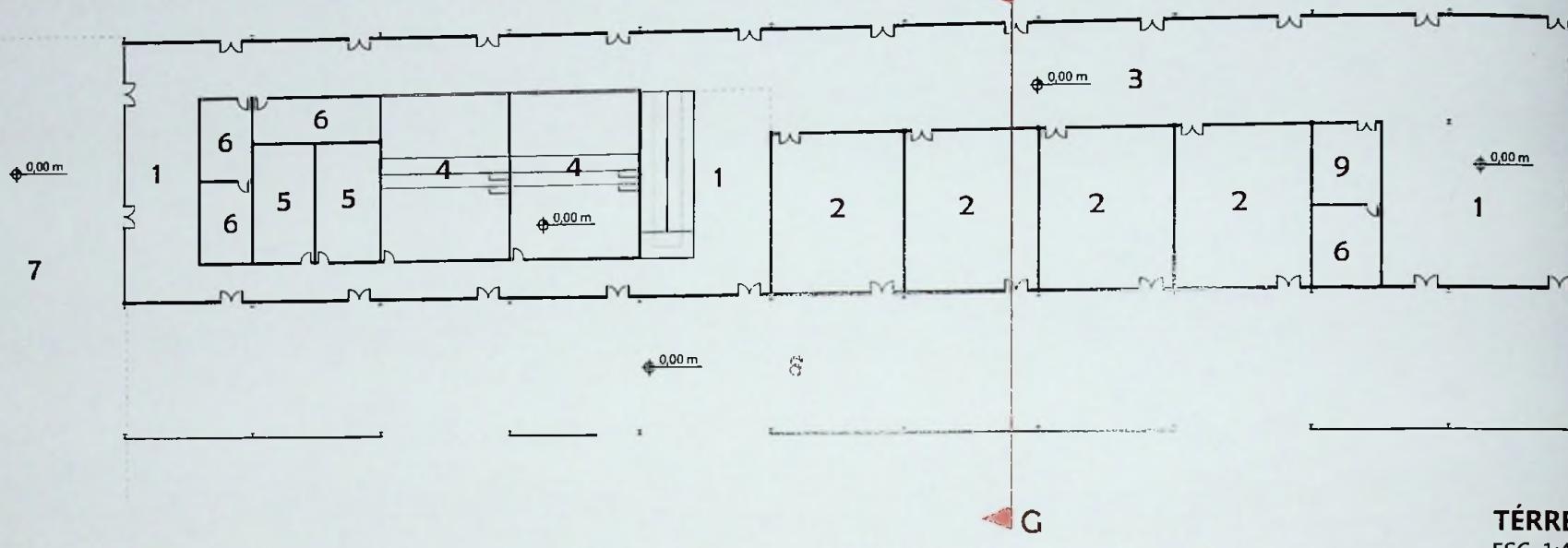
A praça desportiva conta com quadras abertas dispostas paralelamente e também uma quadra coberta com o fim de proporcionar momentos de encontro e fluidez para dinâmicas diárias, funcionando como verdadeiro lazer contemporâneo, além de viabilizar a execução de atividades e eventos vinculados a políticas públicas da atual gestão da Prefeitura da cidade.

CORTE F
ESC. 1:400

-10.30 m

3.90 m

0.00 m



MOMENTO

ARMAZÉM CULTURAL 1

Se valendo das estruturas existentes do antigo armazém, propõe-se a criação de uma cobertura com estrutura de aço e vidro que protege o interior da edificação, permitindo a visualização das suas estruturas e suas instalações. O projeto visa a integração entre o interior e o exterior, criando um ambiente de convivência entre os visitantes e a comunidade local.



Área de estar

Área expositiva

Área de exposição

Área de exposição

Áreas administrativas

Avegum Marquise

Percurso permeável

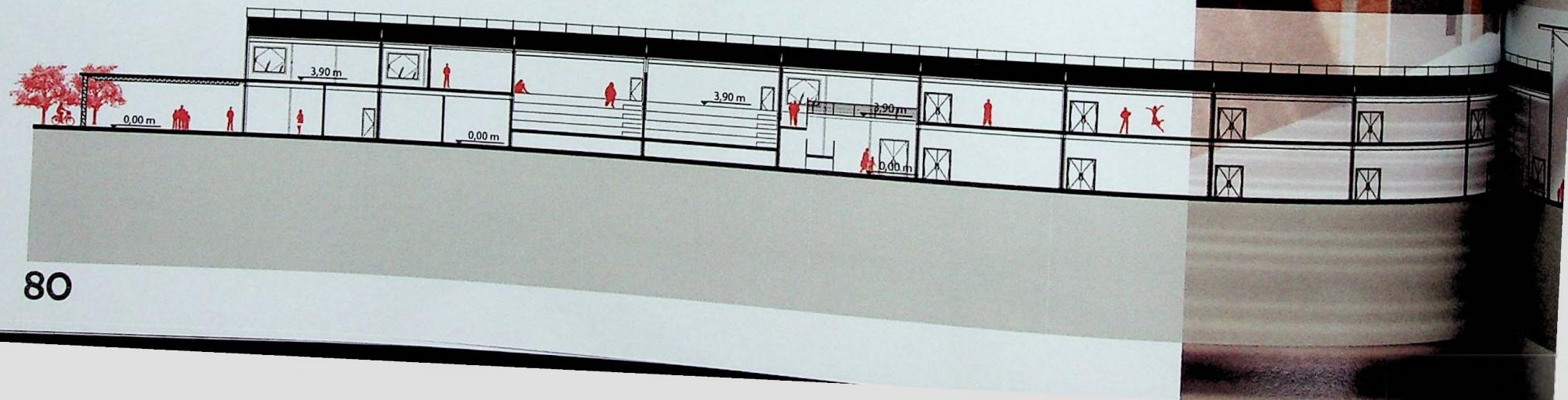
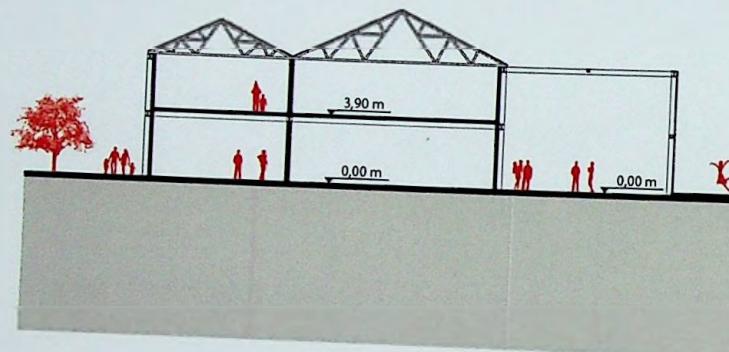
Recepção

Área de estar

Área expositiva

Área de exposição

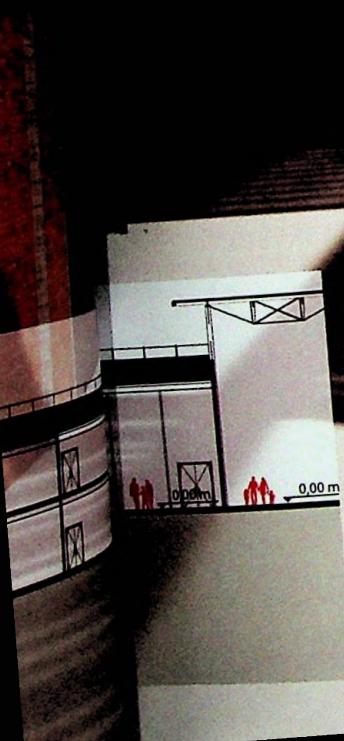
MOMENTO 1
ARMAZÉM CULTURAL 1



AVACID

DO CENTRO HISTÓRICO

CORTE H
ESC. 1:400



MOMENTO

3



O segundo momento se estabelece como a maior linha de força do projeto, que faz ligação direta - física, visual e simbólica - entre a cidade e a linha d' água. A ligação física se dá a partir de um percurso e de espaços livres de estar juntamente com uma cobertura significativa que abrange a área central e conecta os dois armazéns que fazem parte do conjunto do projeto.

Continuidade, o qual se apresenta a partir da perspectiva sagística por meio da cobertura e dos armazéns, criando um enquadramento referente às dinâmicas do rio, despertando a curiosidade e aproximação entre a principal atividade econômica da cidade e a população presente; por fim, a dimensão simbólica se dá através da representação de um elemento d' água que percorre o solo naquele local: o córrego São Bento, que foi canalizado e tamponado, sendo possível

visualizar na borda o encontro com a Pedreira, valorizando sua presença no local como elemento ameaçado e histórico. Com as diretrizes que propõem um adensamento do bairro, o resultado é que os edifícios históricos, se propõem como uma aproximação e apropriação da situação, com o parque, que se faz principalmente nesse trecho. Ademais, esse momento é marcado por três elementos principais: a praça de vida, o segundo contato com a água a partir do deck de atividades e o gramado aberto, sendo que este conecta dois momentos do projeto, integrando-os.

The diagram shows a cross-section of a waterway. At the top, a red arrow points right with the label '1,15 m'. Below it, another red arrow points down with the label '0,85 m'. The waterway is bounded by vertical walls on either side. The text 'LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP' is written diagonally across the top left of the image. In the bottom right corner, there is a red box containing the text 'SEGUNDO CONTATO' and 'A ÁGUA VIVIDA'.

**SEGUNDO CONTATO
COM A ÁGUA
DECK DE ATIVIDADES**

PRAÇA CÍVICA

**GRAMADO
ABERTO**

TÉREO
ESC. 1:750 83

**GRAMADA
ABERTO**



CAPÍTULO 4: PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

PRÁÇA CÍVICA

RELAÇÃO VISUAL



MOMENTO

3

PRAÇA

CÍVICA

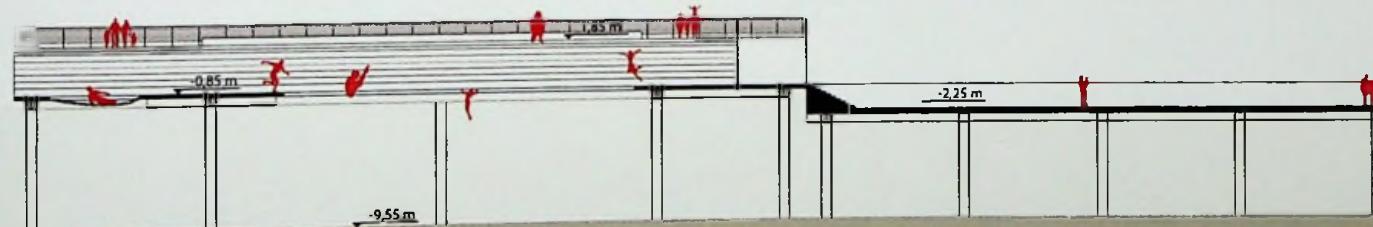
A praça cívica principal se apresenta como elemento integrado dos diversos programas do parque. Sua vasta extensão abre espaço para a apropriação da população, servindo como local de estar e lazer, bem como de palco para apresentações e eventos vinculados a atividades do próprio equipamento e externas, de iniciativa prefeitura da cidade. Conta com uma cobertura composta por resistentes vigas vãs que suportam o longo intervalo entre os pilares do sistema estrutural e proporcionam um eixo de visualização fluido em relação ao elemento água. Além disso, serve de refúgio e potencializa o conforto por meio de sombreamento delineado de policarbonato. Aqui também é possível identificar um fio d' água que remete ao córrego São Bento e conclui a proposta da praça.



CONTATO COM A ÁGUA: DECK DE ATIVIDADES

O deck, trabalhado em ligação com a estrutura de aço, possui um programa de contemplação das águas do rio e se caracteriza pela presença de duas piscinas, uma artificial e outra diretamente conectada com a água fluvial, proporcionando diferentes experiências em um mesmo ambiente. O espaço também conta com uma área de estar com redes suspensas sobre a água, um nível elevado com local de convivência e o principal ponto de contemplação integrada às dinâmicas do parque, do rio e da cidade inserindo no meio urbano o desapego de consumos que foram deixados para trás na veleidade da cidade contemporânea, conseguindo o ponto de observar o tráfego de navios. Por fim, o segundo contato com a água manifesta-se na experiência alternativa de conexão entre a borda do rio e o deck, criando um espaço que possibilita com que o centro do campo de visão do usuário converja com a linha d'água, enquanto o seu corpo, protegido por uma barreira física, situa-se abaixo de citado nível.





CORTE J
ESC. 1:400

MOMENTO

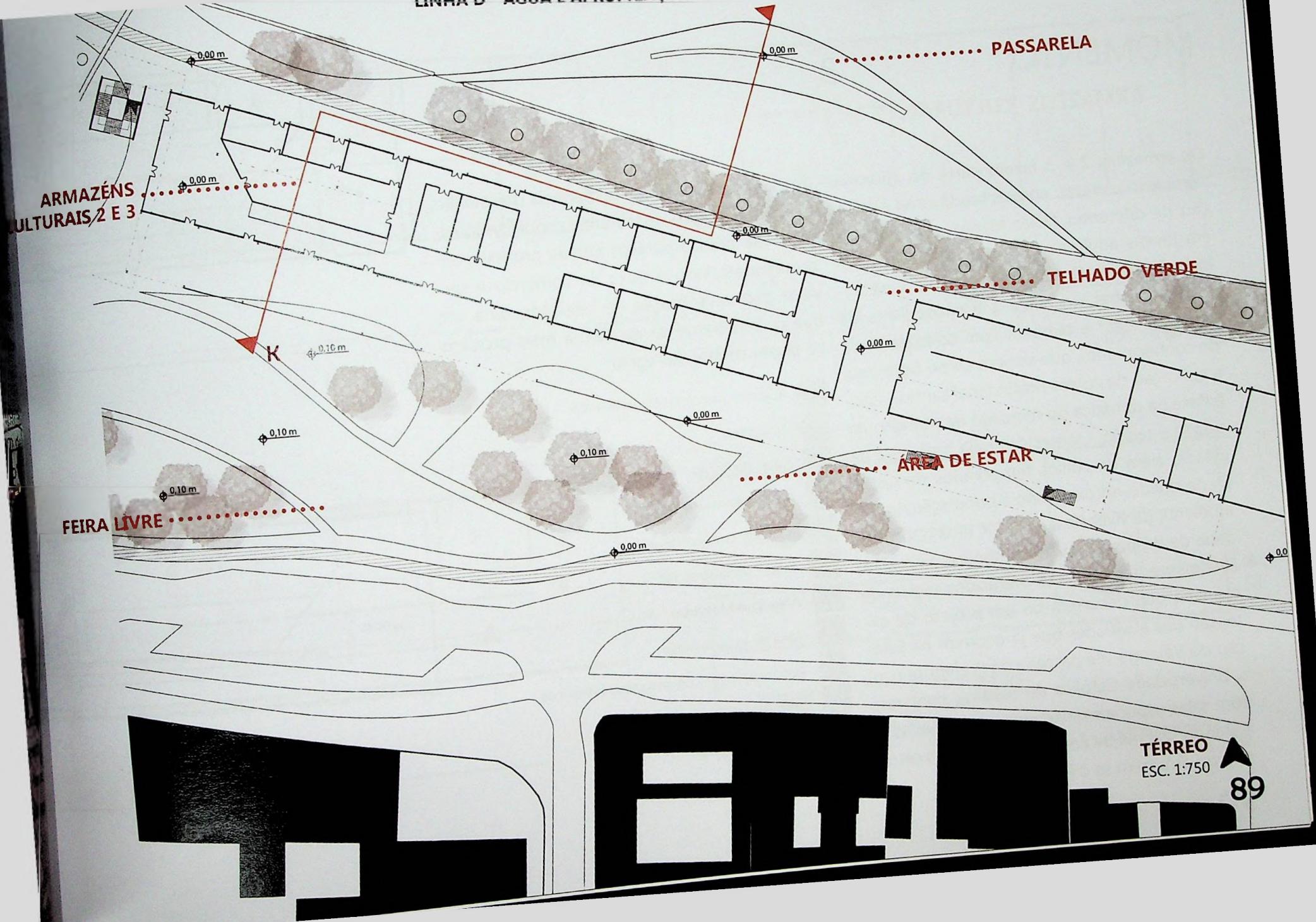
O terceiro momento, marcado por culturais 2 e 3, passarela, área de vire e telhado verde, se insere na extensão da concentração de comércios ativos da região central da cidade, na tentativa de atrair um fluxo de maior faixa etária para o equilíbrio social e criar um período alternativo de uso da praça e parque em geral.

A faixa verde paralela ao fluxo viário, situada entre a passarela e o estacionamento, deve ser destinada ao uso de pedestres e ciclistas, com uma estrutura de acomodação e refúgio que possa ser vinculado às dinâmicas rotativas da região. E o telhado verde, que se apresenta como uma estrutura aberta, a partir de um nível visual.

O programa também contempla um espaço destinado prioritariamente ao artesanato e alimentos, com uso comercial fixo, com a finalidade de atrair os atrativos à população e incentivar os trabalhadores informais, podendo funcionar em qualquer dos períodos, principalmente o noturno.



LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



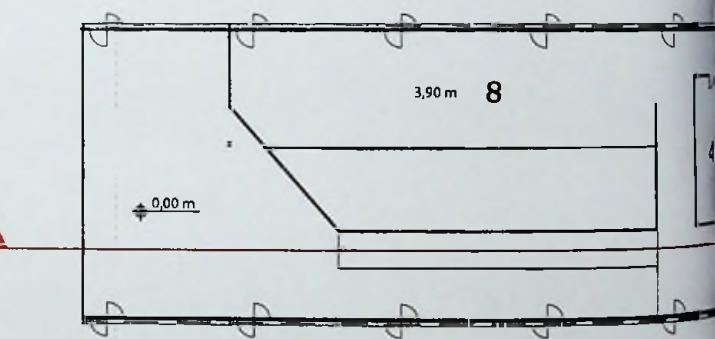
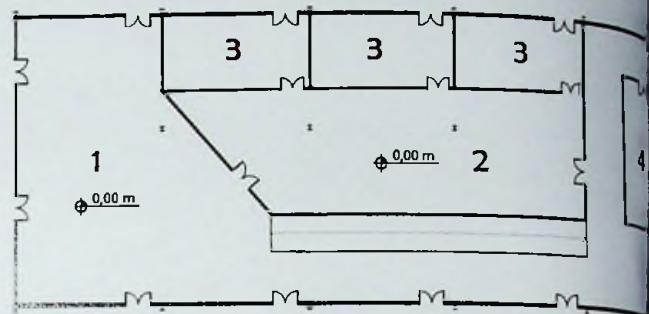
MOMENTO 3

ARMAZÉNS CULTURAIS 2 E 3

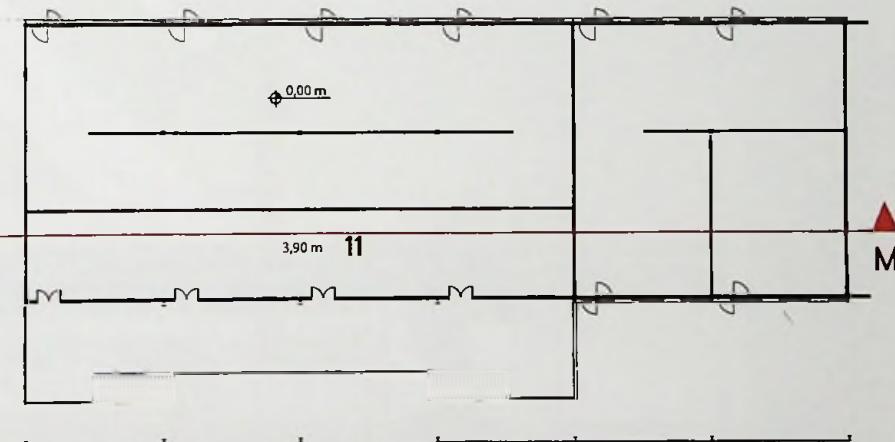
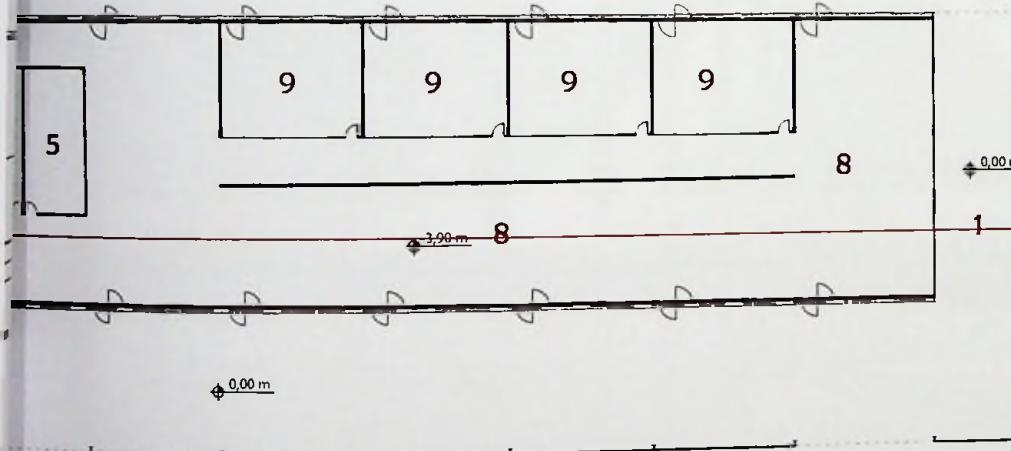
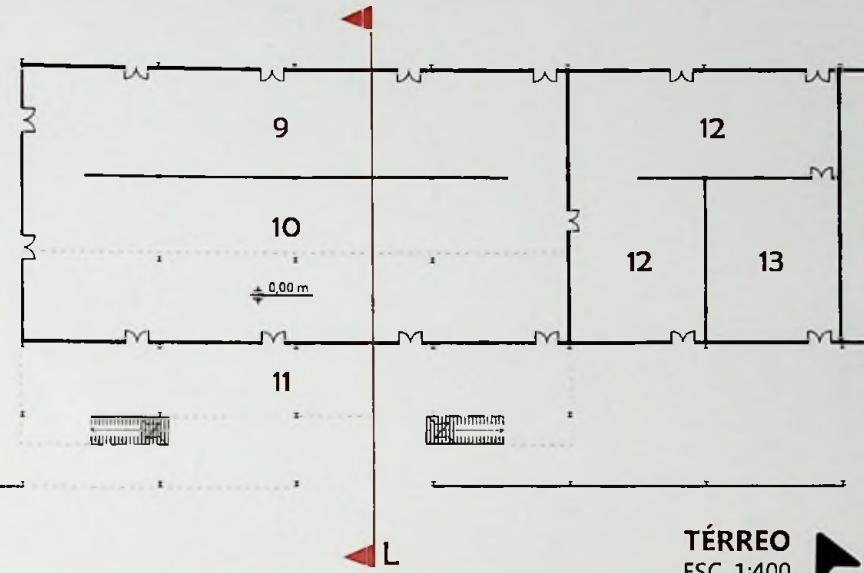
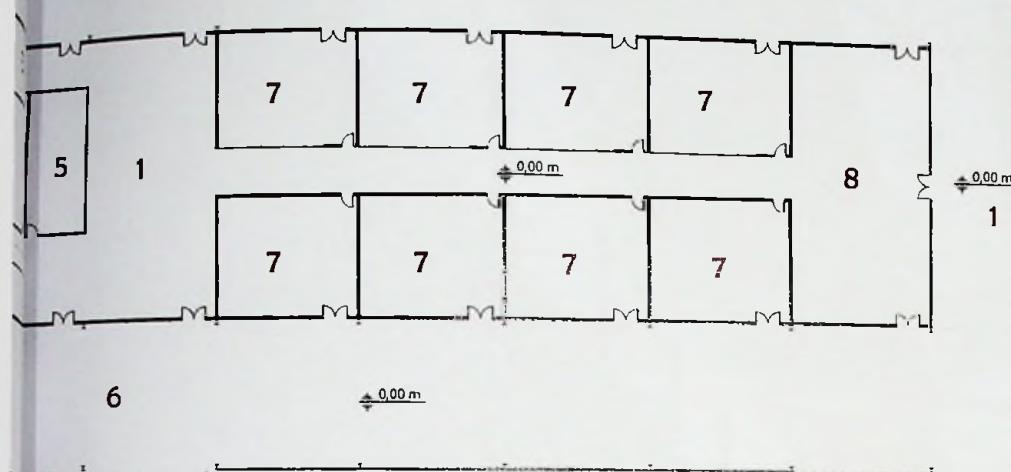
Os armazéns 2 e 3 fazem parte do apoio ao complexo cultural, apresentando uma circulação de diferentes faixas etárias, com enfoque em jovens adultos, a fim de promover maior inclusão social. O edifício conta com uma midiateca central vinculada a espaços livres de estudo e estar e também com salas de troca de conhecimento, que servem como base para a aplicação de cursos profissionalizantes - com ênfase na temática do mercado de trabalho da cidade e região - fornecidos pela prefeitura da cidade, além de cursos temporários de história da cidade, aproximando a população do seu ambiente de vivência a partir de uma oportunidade de despertar o valor simbólico da região. Finalmente, também são oferecidos cursos de culinária que decorrem de um projeto de extensão das atividades que já ocorrem na Estação do Valongo (de parceria da Prefeitura com a Universidade Católica de Santos), contando com salas especiais devidamente equipadas. A partir do sistema de ensino culinário e da estrutura do armazém se cria uma ampliação

do espaço de atividade alimentícia da estação, com um segundo restaurante, propiciando experiência prática para os cursos profissionalizantes e atraindo o fluxo do comércio e serviços para a realização de refeições, uma vez que o restaurante se apresenta mais próximo ao ponto central da região.

- 1** Acessos principais/Área de estar
- 2** Midiateca
- 3** Salas de apoio
- 4** Salas administrativas
- 5** Salas de conhecimento
- 6** Salas administrativas
- 7** Área livre Marquise
- 8** Área de estar/estudo
- 9** Exposição sobre os armazéns históricos
- 10** Restaurante
- 11** Deck: Restaurante
- 12** Cozinha
- 13** Depósito



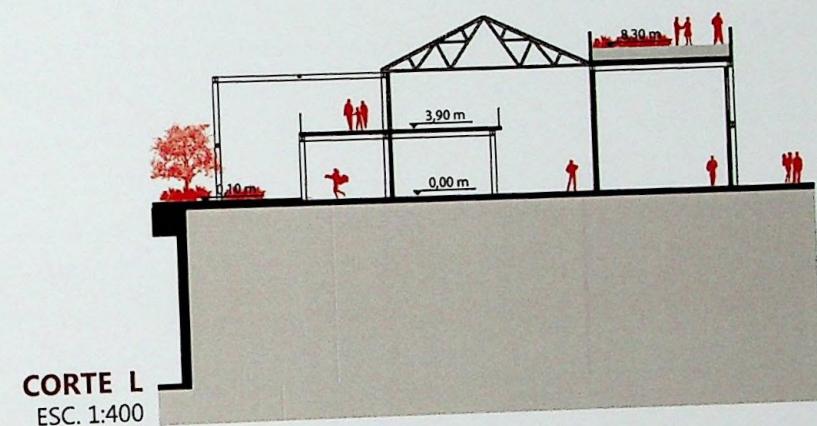
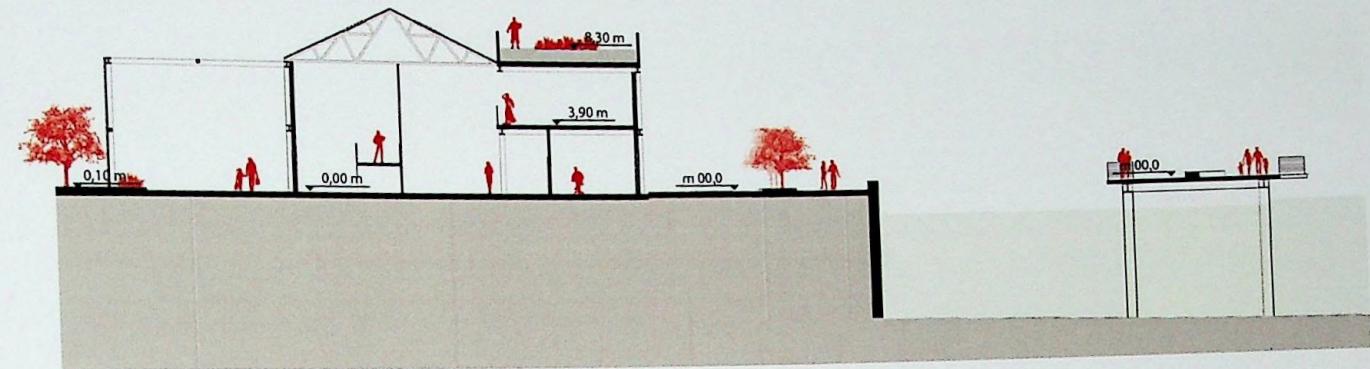
LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



1º PAVIMENTO
ESC. 1:400



LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP



Nelocais Agua / a doce

CONSIDERAÇÕES F I N A I S

Finalmente, é válido ressaltar a importância desse estudo no contexto das cidades contemporâneas na medida em que, alternativas urbanas devem emergir nos centros históricos atuais. Nesse perspectiva, é de interesse modificar usos e reestabelecer parâmetros de inserção de novos usuários e dinâmicas coindizentes com o novo cenário. A relação entre os elementos negados ou subutilizados devem refletir novas tomadas de decisões e introdução de novas políticas públicas pensadas como um sistema. E, o destaque da relação da cidade com a água é de vasta importância uma vez que, a maior parte das cidades brasileiras desrespeitaram e tornaram invisíveis seus rios e córregos, situação essa que deve ser repensada juntamente com os espaços esvaziados. E, por fim, a introdução de equipamentos públicos de caráter paisagístico é essencial para consiliar os sistemas urbanos com uma qualidade de vida orientada pela inserção de infraestruturas verdes. E, e esses espaços, devem convergir para uma ação projetual, que reflita sobre o assistencialidade e inclusão social, acima das decisões de desenho.

Portanto, para este trabalho, a realização de um parque cultural a partir de preexistências de caráter histórico e cultural, revelam essa tentativa de introduzir o aspecto da infraestrutura urbana por meio do espaço público e estimular a sociabilidade e reinterpretar a sensibilidade nos indivíduos da cidade contemporânea. Entende-se, pois, espaço público como sinônimo de sociedade democrática e articulada.

5 REFERÊNCIAS

REFE RÊNCIAS

FIGURA 01. Ilustração da capa.
Autoria Própria, 2019.

- ALMEIDA, E. BOGÉA, M. *Patrimônio como memória, memória como intervenção*. Enanparq 195.04, 2016.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONDUKI, N. G. *Habitat: As práticas bem-sucedidas em habitação, meio ambiente e gestão urbana nas cidades brasileiras*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- BONDUKI, N. G. *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. Brasília, DF: Iphan/ Programa Monumenta, 2010.
- BORTOLETTO, Katia Cristina; FREITAS, Maria Isabel Castreghini de; ROSSETTI, Lucimari Aparecida Franco Garcia; OLIVEIRA, Rodrigo Buchianeri Numa de; LEITE, Anyelen. *Indicadores socioeconômicos e ambientais para a análise da vulnerabilidade socioambiental do município de Santos-SP*. UNESP, 2015.
- CANEPA, Carla; CUNHA, Icaro Aronovich; KOLHY, Lélio Marcus Munhoz; NEVES, Maria Fernanda Britto. *Reconversão de áreas portuárias abandonadas e atividades terciárias – casos das cidades de santos e de Belém*. Patrimônio: Lazer & Turismo, v. 6, n. 5, jan.fev.mar, p. 95 – 112, 2009.
- CARRIÇO, J. M. *Legislação urbanística e segregação espacial nos municípios centrais da Região Metropolitana da Baixada Santista*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CARRIÇO, José Marques. *O Plano de Saneamento de Saturnino de Brito para Santos: construção e crise da cidade moderna*. RISCO, v. 22, 2015.
- Cartilha síntese: Lei de Uso e Ocupação do Solo da Área Insular do Município de Santos*. Prefeitura Municipal De Santos Secretaria De Desenvolvimento Urbano, 2018-2019.
- CASTRO, Adriana de; LOPES, Roseli Esquerdo. *A escola de tempo integral: desafios e possibilidades*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 71, p. 259-282, abr./jun. 2011.
- Diagnóstico da Área Central*. SEDURB - Prefeitura Municipal de Santos, 2016.
- Diagnóstico Urbano Socioambiental | Município de Santos*. Relatório nº 6, Convênio Petrobras Instituto Pólis. Março, 2013.

195.04
CELINSKA, M. *The Civic Waterfront*. Dissertação de Mestrado. Urban Planning University of Washington, 2012.

Conceito, Desafios E Potencialidades Do Pac Da Cultura. Coordenação Geral de Mobilização Social e Gestão da DINC, 2014.

DAGENHART, Richard. *Urban architectural theory and the contemporary city: Tschumi and Koohhaas at the Parcde la Villette*. Ekistics, v. 56, n. 334/335, Space Syntax: Social implications of urban layouts, january/february–march/april, pp. 84-92. 1989.

MARTINS, Maria Isabel Figueiredo Pereira De Oliveira. *Estudo do processo de urbanização e das transformações do uso da terra urbana no município de Santos - SP com uso de geotecnologias*. Dissertação de Mestrado. Instituto de GEOGRAFIA-UNICAMP. Campinas, 2014.

MAZIVIERO, Maria Carolina. *Entre a recuperação patrimonial e a questão da moradia: projetos de renovação urbana para o centro de Santos*. Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), maio/ago., 8(2), 181-196, 2016.

MELLO, Gisele Homem de. *Expansão e estrutura urbana de Santos (SP): aspectos da periferização, da deterioração, de intervenção urbana, da verticalização e da sociabilidade*. Dissertação de Mestrado FFLCH-USP. São Paulo, 2008.

MONTANER, J. M. *A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.

MONTANER, J. M. MUXÍ, Z. *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTANER, J. M. *Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX*. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

Núcleo De Pesquisas E Estudos Socioeconomics. *Percepções e Hábitos do santista quanto à frequência ao Centro Histórico da cidade*. Santos, Universidade Santa Cecília, 2003.

ORNELAS, Ronaldo dos Santos. *Relação Porto/Cidade: O Caso de Santos*. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2008.

REFERÊNCIAS

- Plano Municipal De Mobilidade Urbana. Documento Preliminar. Santos-SP, dez. 2015.*
- Programa Alegra Centro. Prefeitura Municipal De Santos - SEDURB, 2003.*
- PROMINSKI M.; STOKMAN A.; ZELLER S.; STIMBERG D.; VOERMANEK H.; BAJC K. *River. Space. Design. Planning Strategies, Methods and Projects for Urban Rivers.* 2012.
- ROSSI, A. *A arquitetura da cidade.* São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, André da Rocha. *Estado e política pública urbana: a revitalização do Centro de Santos.* Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2012.
- SANTOS, E. A. *Por que planejar com a paisagem.* Pós, 2003.
- SECCHI, B. *Primeira lição de urbanismo.* São Paulo: Perspectiva, 2006.
- SOUZA, Clarissa Duarte de Castro. *Planejamento urbano e políticas públicas em projetos de requalificação de áreas portuárias: Porto de Santos – Desafio neste novo século.* Dissertação de Mestrado. FAU/USP, 2006.
- SPIRN, A. W. *O jardim de granito: A natureza no desenho da cidade.* Edusp, 1995.
- STEVENS, Q. *Artificial waterfronts. Urban Design International.* v. 14, n. 1, p. 3–21. London, 2009.
- TOLEDO, Valéria Diniz. *Inclusão social e arte na educação não-formal: a experiência do Instituto Arte no Dique.* Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Santos. Santos, 2007.
- WEBSTER, N.; SHIRLEY D. *A History of Brooklyn Bridge Park: How a Community Reclaimed and Transformed New York City's Waterfront.* Columbia University Press. New York, 2016.
- YOUNG, Andrea Ferraz. *Transformações socioespaciais da Baixada Santista: Identificação das desigualdades e vulnerabilidades socioambientais através do uso de geotecnologias.* NEPO-UNICAMP, Campinas, n. 57, set. 2008.
- ZANETTI, V. Z. *Planos e Projetos ausentes: Desafios e perspectivas da requalificação das áreas centrais de São Paulo.* Tese de Doutorado. São Paulo: FAU-USP, 2005.

ALEGRA CENTRO – Disponível em: <<http://www.alegracentro.com.br>>. Acesso em: maio 2019.
LINHA D' ÁGUA E APROPRIAÇÃO: RESGATE DA VIVACIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE SANTOS-SP
FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br>>. Acesso em: maio 2019.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<http://www.maps.google.com>>. Acesso em: maio, junho 2019.

NOVO MILÊNIO. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br>>. Acesso em: maio, junho 2019.

NUCLEO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIOECONOMICOS. Disponível em: <<http://www.nese.unisanta.br>>. Acesso em: maio 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. Disponível em: <www.santos.sp.gov.br>. Acesso em: maio 2019.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO. Disponível em: <<http://www.seplan.santos.sp.gov.br>>. Acesso em: maio 2019.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES E INDICADORES CULTURAIS. Disponível em: <<http://mapas.cultura.gov.br>>. Acesso em: junho 2019.